



# RELIGIÕES DE MATRIZES AFRICANAS: DA DIÁSPORA À FÉ

MOISES SILVEIRA MARQUES  
LOIVA ISABEL MARQUES CHANSIS  
ORGANIZADORES







# RELIGIÕES DE MATRIZES AFRICANAS: DA DIÁSPORA À FÉ

MOISES SILVEIRA MARQUES  
LOIVA ISABEL MARQUES CHANSIS  
ORGANIZADORES



1.<sup>a</sup> Edição - Copyrights do texto - Autores e Autoras

Direitos de Edição Reservados à Editora Terried

É permitida a reprodução parcial ou total desta obra, desde que citada a fonte.



O conteúdo dos capítulos apresentados nesta obra são de inteira responsabilidade d@s autor@s, não representando necessariamente a opinião da Editora.

Permitimos a reprodução parcial ou total desta obra, considerado que seja citada a fonte e a autoria, além de respeitar a Licença Creative Commons indicada.

### ***Conselho Editorial***

Adilson Cristiano Habowski - ***Currículo Lattes***

Adilson Tadeu Basquerote Silva - ***Currículo Lattes***

Alexandre Carvalho de Andrade - ***Currículo Lattes***

Anísio Batista Pereira - ***Currículo Lattes***

Celso Gabatz - ***Currículo Lattes***

Cristiano Cunha Costa - ***Currículo Lattes***

Denise Santos Da Cruz - ***Currículo Lattes***

Emily Verônica Rosa da Silva Feijó - ***Currículo Lattes***

Fabiano Custódio de Oliveira - ***Currículo Lattes***

Fernanda Monteiro Barreto Camargo - ***Currículo Lattes***

Fredi dos Santos Bento - ***Currículo Lattes***

Guilherme Mendes Tomaz dos Santos - ***Currículo Lattes***

Leandro Antônio dos Santos - ***Currículo Lattes***

Lourenço Resende da Costa - ***Currículo Lattes***

Marcos Pereira dos Santos - ***Currículo Lattes***

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Religiões de Matrizes Africanas: Da diáspora à Fé [livro eletrônico]. Moises Silveira Marques; Loiva Isabel Marques Chansis (Autores) -- Alegrete, RS : Editora Terried, 2025.

PDF

ISBN 978-65-84959-81-1

1. Religiões

24-243051

CDD-918.16

**Índices para catálogo sistemático:**

1. Pesquisa 90.16
2. Ensino 105.9



10.48209/978-65-84959-81-1

© 2020

Todos os direitos autorais reservados a **Moises Silveira Marques e Loiva Isabel Marques Chansis**. A reprodução de partes ou do todo deste trabalho só poderá ser feita mediante a citação da fonte.

E-mail: zekamoises8@gmail.com e lmarqueschansis7@gmail.com



*www.terried.com*

*contato@terried.com*

*(55) 99656-1914*



## LISTA DE IMAGENS

Imagem 1 –Ancestralidade Nação Jeje Nagô, RS.....	60
Imagem 2 –Pai Moises de Oxalá e sua Mãe de Santo, Yalorixá, Carmem do Bará.....	60
Imagem 3 –Familia religiosa e biológica de Pai Moises de Oxalá.....	61
Imagem 4 –Pai Moises de Oxalá com suas filhas de religião e irmãs biológicas (Carmem de Oba e Loiva da Oya).....	61
Imagem 5 –Mãe Helena (Mãe biológica de Pai Moises) e Mãe de Saanto, Mãe Carmem do Bará.....	62
Imagem 6 –Nadine do Bará, neta de Pai Moises de Oxalá e Nathalia de Yemanja, neta de Pai Moises de Oxala.....	62
Imagem 7 –Mãe Catiucia de Ogum, com seus filhos biológicos, Kauan e Igor e seu Pai de santo Moises de Oxalá.....	63
Imagem 8 –Luan de Xango e Carminha de Yemanja, filho e prima.....	63
Imagem 9 – Sincretismo.....	68
Imagem 10 – Sincretizações.....	73
Imagem 11 – Congá do Centro Africano Pai Oxalá e Reino de Oxossi.....	80
Imagem 12 – bandeira da Umbanda Imagem .....	82
Imagem 13 – Tenda Espírita.....	86
Imagem 14 – Zélio Fernandino de Moraes .....	86
Imagem 15 – Congá Centro Africano Pai Oxalá e Reino de Oxossi.....	88
Imagem 16 – Loiva da Oya, numa palestra em São Gabriel, sobre Cultura e povo de terreiro.....	95
Imagem 17 – Mãe Helena de Oxalá e a terceira mãe Catiucia d Ogum.....	95
Imagem 18 – Irmãs Nadine do Bará e Nathalia de Yemanja.....	96
Imagem 19 – Carminha da Yemanja.....	96
Imagem 20 – Yalorixá Katy do Bará, segunda chefe de terreira do Centro Africano Oxalá, Reino de Oxossi São Gabriel-RS e sua neta.....	97

Imagem 21 – Filhas e yalorixás do Centro Africano Oxalá e Reino de Oxossi- São Gabriel-RS.....	97
Imagem 22 – Tradição, alimenta, não violenta.....	101
Imagem 23 – Diga NÃO à Intolerância.....	105
Imagem 24 – Babalorixá “Moises de Oxalá”, palestrando na semana da consciência Negra em Rosario do Sul-RS.....	106
Imagem 25 – Quarto de Santo do Centro Africano Pai Oxalá.....	115
Imagem 26 – Sob o Alá do Pai Oxalá.....	121

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Bará: Características principais.....	34
Figura 2 – Ogum: Características principais.....	36
Figura 3 – Oya: Características principais.....	38
Figura 4 – Xangô: Características principais.....	39
Figura 5 – Odé E Otim: Características principais.....	41
Figura 6 – Ossanha: Características principais.....	42
Figura 7 – Oba: Características principais.....	43
Figura 8 – Xapanã: Características principais.....	45
Figura 9 – Oxum: Características principais.....	48
Figura 10 – Yemanjá= Yemonja: Características principais.....	49
Figura 11 – Oxalá: Características principais.....	51
Figura 12 – Mulheres lideres da Religião Afro.....	94
Figura 13 – Mapeamento de terreiros.....	94



# SUMÁRIO

<b>PREFÁCIO.....</b>	<b>10</b>
<b>APRESENTAÇÃO.....</b>	<b>15</b>
<b>1 DIÁSPORA DO NEGRO: RAMIFICAÇÕES POR TODOS OS ESTADOS DO BRASIL.....</b>	<b>17</b>
<b>1.1 Abolição: O fim da escravidão?.....</b>	<b>22</b>
<b>1.2 Religiões negras no Brasil.....</b>	<b>23</b>
1.2.1 Candomblé.....	24
1.2.2 Religião tradicional da África .....	25
1.2.3 O monoteísmo nas religiões de matrizes africana.....	26
1.2.4 O Diabo cristão.....	27
<b>2 RELIGIÕES DE MATRIZES AFRICANA NO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL.....</b>	<b>29</b>
<b>2.1 O Batuque afro-gaúcho.....</b>	<b>29</b>
<b>2.2 Nações do Batuque.....</b>	<b>31</b>
<b>2.3 Crença e ideologia religiosa.....</b>	<b>32</b>
<b>2.4 Orixás do Batuque.....</b>	<b>33</b>
<b>2.5 Outras manifestações religiosa no Brasil com algum tipo de influência afro (o sincretismo pagão).....</b>	<b>53</b>
<b>3 A IMPORTÂNCIA DA ORALIDADE NAS RELIGIÕES DE MATRIZ AFRICANA: A CULTURA ÁGRAFA.....</b>	<b>55</b>
<b>3.1 Ancestralidades: memórias contadas, o tempo passado projetando um tempo presente para demarcar a identidade de um povo, cultura, através das lembranças e da oralidade dos ancestrais.....</b>	<b>57</b>
<b>4 O SINCRETISMO.....</b>	<b>68</b>
<b>4.1 O sincretismo nas religiões afro brasileira.....</b>	<b>68</b>
<b>4.2 Datas festivas nos cultos de matriz africana por tradição.....</b>	<b>71</b>
<b>4.3 Datas festivas nos cultos de matriz africana por fundamento.....</b>	<b>71</b>
<b>4.4 Alguns exemplos de sincretizações.....</b>	<b>73</b>

<b>5 NASCIMENTO DA UMBANDA NO BRASIL (PROCESSO DE BRANQUEAMENTO NOS CULTOS AFRO BRASILEIRO).....</b>	<b>80</b>
<b>5.1 História da fundação da Umbanda: do conceito a sua formação.....</b>	<b>82</b>
<b>5.2 Tenda Espirita de Umbanda Nossa Senhora da Piedade.....</b>	<b>86</b>
<b>5.3 As sete linhas de umbanda.....</b>	<b>88</b>
<b>6 A PARTICIPAÇÃO DA MULHER NAS RELIGIÕES DE MATRIZ AFRICANA. AXÉ EM NÚMEROS.....</b>	<b>92</b>
<b>6.1 Mulheres do Axé do Centro Africano Pai de Oxala e Reino de Oxossi.....</b>	<b>95</b>
<b>7 A MANIFESTAÇÃO DO SANTO/ORIXÁ.....</b>	<b>98</b>
<b>7.1 O transe.....</b>	<b>98</b>
<b>8 A SACRALIZAÇÃO: DIREITOS CONSTITUCIONAIS DE GARANTIA DA CULTURA E CRENÇAS.....</b>	<b>101</b>
<b>8.1 Da Perseguição da Lei, a intolerância: “Cá para nós”, vamos combater a intolerância religiosa?.....</b>	<b>105</b>
<b>9 A MAGIA, VIDA, RELIGIÃO DE MATRIZ AFRICANA: UM DÍÁLOGO PERMANENTE E NECESSÁRIO: FECHA-SE O CAPÍTULO DO LIVRO, O DEBATE CONTINUA.....</b>	<b>115</b>
<b>OLORUM, OBATALÁ, MALU-LISSA, OLODUMARÉ, DEUS.....</b>	<b>120</b>
<b>OLORUM KALOFÉ (DEUS ABENÇOE).....</b>	<b>121</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	<b>122</b>

## **PREFÁCIO**

Apesar dos avanços na discussão das religiões de matriz africana, ainda encontramos muitas construções confusas ou equivocadas sobre esse importante elemento da cultura brasileira. Nesse sentido, o livro “Da Diáspora a fé” que compreende uma colaboração entre Moises Silveira Marques e Loiva Isabel Marques Chansis, pretende atender a essa demanda ao sistematizar diferentes fatores que formam as religiões de matriz africana de maneira clara, objetiva e respeitosa. Reafirmo, a importância do respeito a questão religiosa, pois esse é um elemento fundamental para os autores no desenvolvimento do livro.

Moises Silveira Marques, nascido e ainda residente em São Gabriel, RS é bacharel em Direito e exerce atividades como terapeuta holístico, além de ser palestrante e pesquisador da cultura afro-brasileira. No campo das religiões e religiosidade é Babalorixá dos cultos de matriz africana no segmento do Batuque do RS, Nação Geje- Nagô. Como palestrante é frequentemente convidado para atuar em escolas municipais e estaduais públicas e particulares para difundir informações e estimular a abordagem crítica sobre questões que envolvem a cultura afro-brasileira e as religiões de matriz africana. Além de palestras e eventos no Brasil também atua enquanto palestrante e divulgador da cultura africana e também sobre políticas de combate ao racismo e intolerância religiosa nas cidades da Argentina e do Uruguai. É dirigente e sacerdote do Centro Africano do Pai Oxalá, Reino de Oxossi, há 44 anos. Cultua os ritos desde os 13 anos de idade de Nação, Umbanda e Quimbanda. Tem filhos e filhas de santo no Brasil e também em países latino-americanos e ibéricos.

Loiva Isabel Marques Chansis, é natural de São Gabriel, RS e atualmente reside em Santa Maria, RS. Graduada em Pedagogia pela Universidade Federal de Santa Maria, onde se formou em 1992, realizou também o curso de Especialização em Gestão Educacional pela Universidade Federal de Santa Maria - UFSM. Trabalha como servidora técnica-administrativa, como pedagoga, na



UFSM há 29 anos. Trabalhou no Núcleo de Educação Infantil Ipê Amarelo da UFSM, onde exerceu atividades enquanto pedagoga nas séries de Berçário a Pré-Escola e também na Coordenação Pedagógica. Além disso, realizou Mestrado Profissional em Gestão Pública na UFSM, no Curso de Administração. Foi instrutora de Cursos de Formação na Pró-Reitora de Gestão de Pessoas – PROGEP - UFSM, na Coordenadoria de Ingresso, Mobilidade e Desenvolvimento – CIM-DE, que é responsável pelas atividades de ingresso, lotação e movimentação de pessoal, além de proposição de estratégias de qualificação e aperfeiçoamento dos servidores técnico-administrativos e docentes. Também foi instrutora do Projeto LIDERE, junto da PROGEP. Entre os anos de 2014 e 2017 participou da Comissão Interna de Supervisão da Carreira dos servidores técnico-administrativos da UFSM; e, na gestão 2016 a 2018 foi Coordenadora Geral da Associação dos Servidores da UFSM em Santa Maria – RS e é coordenadora geral da FASUBRA. Como pesquisadora, atua junto ao Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Formação Inicial, Continuada e Alfabetização – GEPFICA, do Centro de Educação – CE, da UFSM. Atualmente, trabalha no Núcleo de Educação Infantil Ipê Amarelo, na função de Pedagoga. É doutora em Educação, pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da instituição onde atua como servidora pública.

Loiva Isabel Marques Chansis é Yalorixá, Mãe Loiva da Oya dos cultos de matriz Africana, há 12 anos, no Centro Africano Pai Oxalá e Reino de Oxossi, em São Gabriel, RS. É filha de santo e irmã sanguínea do Babalorixá, Moises de Oxalá, Pai Moises. Atua também como palestrante sobre os cultos afros e políticas de educação sobre cultura afro-brasileira.

Os nove capítulos deste livro podem ser divididos em três partes. Na primeira parte, os autores procuram apresentar características históricas e elementos culturais das religiões de matriz africana. Nesse sentido, apresentam as origens no Brasil, as características dos Orixás e a importância dos idosos e da oralidade para a preservação dos rituais e dos elementos culturais dessas religiões. Na segunda parte do livro, encontramos uma discussão sobre a necessidade do sincretismo para a implementação das práticas religiosas afro-brasileiras. Nesse

cenário, os autores apresentam o surgimento da Umbanda e a forte presença das mulheres nas religiões afro-brasileiras, o que difere da religião católica em que a coordenação dos rituais é, exclusivamente, masculino. Na terceira, e última, parte do livro, os autores tratam, especificamente, das características do Batuque no Rio Grande do Sul.

No capítulo 1, “Diáspora do negro: Ramificações por todos os estados do Brasil”, os autores afirmam que a Diáspora a que se referem no título do livro e desse capítulo, corresponde ao entendimento da imigração forçada dos africanos para o Brasil. Nesse cenário, a Bahia é considerada a porta de acesso para esses imigrantes, sendo que a partir dessa zona portuária eles foram encaminhados para o restante do país, dentre eles o estado do Rio Grande do Sul. Em relação ao estado, eles apontam que a historiografia tradicional negou a existência da escravidão, entretanto hoje a construção histórica sobre a escravidão no Rio Grande do Sul não tem mais essa compreensão. De acordo com os autores, essa negação contribuiu para o desprestígio das colaborações culturais dos negros para a formação do país.

Enquanto o capítulo 2, “Religiões de matrizes africana no estado do Rio Grande do Sul”, os autores apresentam exemplos de representantes das diversas nações, professadas no cenário afro-gaúcho. Eles descrevem aos leitores os 12 Órixas do Batuque, relatando as suas principais características e o que cultuado na Nação do Batuque no Rio Grande do Sul. No terceiro capítulo, “A importância na oralidade nas religiões de matriz africana: A cultura ágrafa”, que compreende o último capítulo da primeira parte do livro. Nele, os autores apontam a importância da oralidade para as religiões de matriz africana, pois ela permite a manutenção da cultura, fundamentos e ritos. Além disso, ao empregar a oralidade, as religiões afro-brasileiras resguardavam seus rituais aos praticantes, e ainda proporcionam aos idosos uma posição de destaque e prestígio, ao ser sua incumbência deles repassar aos mais jovens esses rituais religiosos.

A segunda parte do livro inicia no capítulo 4, “O sincretismo”. Nele, os autores destacam que a religião de matriz africana no Brasil, precisou misturar cos-

tumes e santos católicos para escapar das perseguições da religião dominante no Brasil daquele momento, a Igreja Católica, e também da polícia, que combatiam as manifestações religiosas afro-brasileiras. Para os autores, a religião de matriz africana é o que confere unidade aos africanos que desembarcam no Brasil, pois apesar de distintos na manutenção da fé eles estabeleceram uma identificação.

No capítulo 5, “Nascimento da Umbanda no Brasil: Processo de branqueamento nos cultos afro-brasileiros”, os autores apresentam o surgimento da Umbanda como um exemplo de religião formada a partir do sincretismo religioso, com influência do catolicismo, espiritismo, religiões indígenas, budismo e religiões de matriz africana. O sexto capítulo, “A participação da mulher nas religiões de matriz africana: Axé em números”, é apresentado os motivos para uma maior presença feminina nos terreiros. De acordo com os autores, isso se deve ao contexto histórico, pois as mulheres se tornaram livres antes dos homens escravizados. Eles ainda destacam pesquisas que apontam a maioria de mulheres que comandam os rituais nos terreiros tanto no Rio Grande do Sul, quanto em outros estados do país.

Na terceira parte do livro, é tratado sobre as características do Batuque no Rio Grande do Sul, essa perspectiva encontramos no capítulo 7, “A manifestação do Santo/Orixá”, em que os autores tratam da manifestação do Santo/Orixá, dos fundamentos, e também dos tabus, no que se refere ao Batuque no Rio Grande do Sul. No capítulo 8, “A sacralização: direitos constitucionais de garantia da cultura e crenças”, os autores tratam das garantias legais que permitem a livre manifestação de fé. Entretanto, eles demonstram que esse é um dos assuntos mais polêmicos do Batuque no Rio Grande do Sul, pois envolve o uso dos animais que são abatidos para o ritual, e posteriormente, utilizados na alimentação. Em relação a esse elemento que é constantemente combatido, os autores apresentam as características históricas para compreender, bem como possíveis soluções para controlar esse impasse com outros membros da sociedade.

No último capítulo do livro, “A magia, vida, religião de matriz africana: Um diálogo permanente e necessário. Fecha-se o capítulo do livro, o debate con-



tinua”, são retomados temas já debatidos no texto, tais como: o combate ao racismo, a intolerância religiosa e a importância da oralidade e dos mais velhos nas religiões de matriz africana.

Aos leitores deste livro, apresenta-se a oportunidade de aprofundamento de um tema importante para a cultura nacional, as religiões de matriz africana. Pela abordagem do livro, objetiva e clara, encontramos nele informações que perpassam desde a História e os elementos culturais das religiões afro-brasileiras, passando pelo afamado sincretismo e sua influência nas religiões de matriz africana no país. Ainda, os autores estão atentos na sistematização das características religiosas do Batuque no Rio Grande do Sul. Essa atenção com os leitores torna o texto uma fonte de estudos e consulta, pois é comum quando tratamos de religiões de matriz africana construções confusas ou equivocadas. Entretanto, este livro destaca a importância do conhecimento e não apenas da reprodução da informação.

Professor Doutor Jorge Luiz da Cunha (*In memoriam*)  
Universidade Federal de Santa Maria – UFSM

## **APRESENTAÇÃO**

Fundamentar é explicar algo que consideramos importante. Diante de tantas perseguições e preconceitos contra as religiões de matriz africana, entendemos que é oportuno e necessário escrevermos sobre esta religião. Demonstrar através da escrita seus fundamentos, ritos e em especial falar da importância cultural que representa para nosso País.

A obra trata de levar a sociedade o conhecimento e a informação acerca da religião de matriz africana, destacando em especial o Batuque no RS. O que percebemos que há no imaginário geral das pessoas, uma confusão de interpretações com o Candomblé. O Batuque no RS, passa despercebido, tendo a ideia de que existe apenas o Candomblé. Para além dessa questão, a obra visa demonstrar os aspectos culturais das religiões de matriz africana, seus fundamentos e a contribuição histórica-cultural e social que representa para o nosso País e RS. Salientamos na obra temáticas relevantes que é a intolerância religiosa, racismo e preconceito e fundamentos da religião no que se refere ao Batuque do RS, umbanda e outros aspectos relacionados às religiões de matriz africanas.

A obra está estruturada em capítulos, sendo que o primeiro tratará da Diáspora do Negro e suas ramificações no País (Brasil), o segundo capítulo abordará as religiões de matrizes africanas no estado do Rio Grande do Sul, o capítulo três é referente à importância da Oralidade nos cultos afros, o quarto capítulo trata do Sincretismo, o sexto capítulo conta o nascimento da nossa querida Umbanda. O capítulo seis falamos das mulheres de Axé, sua importância, representação na religião. No capítulo sétimo, conversamos sobre a manifestação do Santo/ Orixás, os fundamentos, os tabus na Nação/ Batuque no RS.

No capítulo oitavo iremos abordar um assunto polêmico e que tem sido bastante discutido na atualidade, que trata da Sacralização de animais, as legislações que asseguram nossos fundamentos nos cultos afro e no capítulo 9 na sequência, abordamos a magia da religião, o combate ao racismo e sobre intolerância religiosa.

Importante, salientar que a obra tem como finalidade demonstrar a importância cultural e religiosa para uma comunidade e não tem cunho dogmático e de imposição da nossa religião. A escrita tem como propósito combater a intolerância religiosa e o racismo que está impregnado nas pessoas, nas instituições quanto aos cultos afrobrasileiros. Cabe salientar que esta obra para além das fontes de pesquisas informadas nas referências bibliográficas, na sua maior parte da escrita expressa nos vários capítulos enumerados tem como suporte principal a experiência baseada na ancestralidade e aprendizagens recebidas pelos autores de seus ancestrais e da própria prática da religião. Um dos autores, Moises Silveira Marques (Pai Moises de Oxalá), tem mais de 30 anos de vivência e prática espiritual nos cultos afro-brasileiros e retrata na obra toda seu conhecimento dos cultos afro e principalmente sobre o Batuque no Rio Grande do Sul. Junto-me (Eu Loiva Isabel Marques Chansis) ao meu Pai de Santo e irmão Moises Silveira Marques, o “Pai Moises”, enquanto filha, aprendiz e pesquisadora contribuindo para divulgar os cultos afro-brasileiros. Pai Moises de Oxalá, enquanto Sacerdote há mais de 32 anos de vivências, prática religiosa que tem levado e disseminado todo o seu conhecimento da religião para todo o Rio Grande do Sul, Argentina, Uruguay e Espanha com palestras em escolas e em todos os espaços institucionais pela qual é convidado, com o intuito de juntos divulgarmos informações e toda a riqueza das religiões de matriz africana e em especial o nosso Batuque no RS.

Convidamos os leitores e as leitoras a mergulharem numa leitura de magia, fé e axé.



# **1 DIÁSPORA DO NEGRO: RAMIFICAÇÕES POR TODOS OS ESTADOS DO BRASIL**

Com a chegada do Negro no Brasil, nasce o fenômeno social chamada diáspora, que retrata a imigração forçada do negro no país. Navegando forçadamente por águas do Atlântico negro chega no Brasil, para servir de mão escrava em nossos estados.

Uma verdadeira miscigenação cultural, chega ao nosso país, digo chega, pois, esta diversidade, cultural, já começa dentro dos navios, nos porões dos navios negreiros, onde o negro, tem contato com vários negros de diferentes nações do continente africano, bem como o contato com o homem branco, verdadeiros piratas da dignidade humana, dedicados ao tráfico humano. Homens e mulheres, negros e negras africanos e africanas, foram protagonistas deste fenômeno histórico e social, que marcariam em nosso território nacional, uma história de dor, luta e sofrimento. Entretanto, exaltaria a força, a raça, e a resistência, de um povo digno e comprometido com suas origens, identidade e fé. As zonas portuárias foram os portais de entrada do negro no Brasil, sendo que a Bahia, foi o principal berço de entrada, e ou berço da Diáspora africana. Arrancado a força de terras africana o negro, é trazido para o Brasil para trabalhar de forma escrava, principalmente nas lavouras de café e cana de açúcar, nos engenhos, plantações de algodão e também na cidade, nas casas dos senhores etc.

Os mesmos já dentro dos porões de navios, foram misturados a outros grupos linguísticos, separados de suas tribos, ou povos, isto dificultaria a comunicação entre eles. O século XVII, protagoniza a escravidão, que tem seu apogeu entre os anos de 1700 e 1822, quando é intensificado o tráfico de escravos. Toda a sorte de sofrimento e crueldade, é imputada ao negro. Uma verdadeira saga de sobrevivência e resistência é travada, pelos mesmos, a fim de manterem viva sua memória, história e identidade. Destarte, necessário se faz lembrar, que além da liberdade do negro, quiseram também, tirar sua identidade, enquanto ser, trocaram seus nomes, foram submetidos a todas torturas, suplícios da dignidade hu-

mana, quiseram trocar a fé e suas crenças, forçar a aceitação do cristianismo, e esquecerem seus dialetos ou idioma.

O escravo no Brasil, em termos de riqueza, não só representava a possibilidade de tornar seus senhores ricos, por intermédio de sua mão de obra gratuita, ou escrava, como ele, por si só, já representava a riqueza de seu possuidor, uma vez que seus donos os poderia vender, leiloar, negociar em caso de necessidades. Importante também ressaltar, que a conforme o número de escravo pertencente a uma fazenda seu dono era visto com mais prestígio. Sendo assim os brancos se orgulhavam do número de escravos que possuíam. Com uma carga horária de trabalho desumana, e mau alimentados muitos negros ficavam doentes, alguns até acabavam morrendo, e quando os mesmos eram socorridos por brancos, isto não tinha uma conotação de humanidade da parte dos mesmos e sim uma tentativa de não ficarem no prejuízo, uma vez que cada escravo por eles foi comprado. Hall (2003), ao pensar a identidade cultural, estabelece um entendimento em que os valores culturais são mantidos como elementos permeáveis às mudanças empreendidas pelas migrações territoriais.

Ou seja, quer dizer que as culturas não são fechadas, expressam uma diversidade, incorporando outros valores culturais e assim tornando a riqueza revelada e estabelecida no nosso País.

Se a Bahia foi o berço da escravidão, foi ela também a responsável pela exportação interna dos escravos por todo nosso País, que assim gradativamente foi se expandindo por todo o território nacional. No Rio Grande do Sul, os escravos eram utilizados principalmente nas charqueadas, e a origem dos mesmos, nunca foi propriamente identificada, alguns chegaram aqui vindo já de outros estados brasileiros, entretanto boa parte entrava, pelo Uruguai ou Argentina. Apesar da tentativa de negar o terror escravocrata no estado gaúcho, sabe-se que apesar de muitos historiadores tentarem apagar ou borrar a decadente saga contra os humanos negros o estado gaúcho protagonizou a exemplo de outros estados o massacre da dignidade humana por intermédio do trabalho forçado dos negros que aqui forçadamente chegaram. Em solo brasileiro, e ou em solo gaúcho, muitos negros

morreram, alguns se suicidaram e outros sucumbiram em doenças causadas pelas fétidas senzalas. Acomodações em nossas com charqueadas. Sabem-se que os historiadores gaúchos sempre resistiram em escrever sobre a verdadeira história da escravidão no estado, é ou era uma forma de proteger nossos heróis gaúchos, que quiseram sempre se destituir do título de senhores de escravos. Entretanto é necessário que saibamos que o Estado gaúcho, também foi protagonista dos terrores da escravidão, e muitas vezes em um sentido bem pior, pois, sempre tentou negar a importância do negro na evolução e desenvolvimento social, cultural e econômico do Rio Grande do Sul.

É inegável, a contribuição do negro no País, de uma maneira em geral. A cultura afro brasileira, é esplêndida, apesar de todo flagelo humano, o negro trouxe brilho e cor a esta nação, influenciando na arte, na culinária, na linguagem, e na música. Também foi negro, que trouxe ao Brasil esta característica de um povo multifacetado, plurirracial e multicultural.

O samba, a capoeira, o afoxé, maracatu, congada, lundu, são exemplos da influenciado elemento negro na música brasileira, entoadas por instrumentos musicais, de também influencia do negro como o tambor, tambor, atabaque, cuíca, algumas variações de flautas, marimba e o conhecidíssimo berimbau, que encantam as rodas de capoeira. Instrumentos e ritmos que aqui chegaram junto com a diáspora do negro se fazem presente na vida de todos os brasileiros até os dias atuais. Podemos citar ainda na dança e na música de influência do negro no Brasil o jongo, que ajudava os negros a se comunicarem de maneira incompreensível, pelos senhores e capatazes. A roda de capoeira, que parecia uma luta, mas misturava, ritmo, jogo e dança. A mesma, chegou até ser proibida e perseguida pela polícia, só sendo permitida posteriormente, onde volta com roupagem de jogo. Não podemos esquecer de ressaltar o samba de roda, o maracatu, etc.

Na culinária o negro deu mais sabor a nossas comidas, trouxe o leite de coco, o dendê, a pimenta malagueta. Com os diversos temperos nos ensinaram a fazer a feijoada feijão preto), que os mesmos aproveitavam os restos de carne que os senhores de engenho lhes ofertavam, já que a parte nobre jamais chegaria

as senzalas. Com os mesmos, aprendemos a comer acarajé, vatapá, mungunzá, caruru, entre outras iguarias. E quando deparamos com palavras do tipo: abadá, caçamba, cachaça, cachimbo, caçula, candango, canga, capanga, carimbo, caxumba, cochilar, corcunda, denço, fubá, gíbi, macaco, maconha, macumba, marimbondo, miçanga, moleque, quitanda, quitute, tanga, xingar, banguela, babaca, bunda, cafofo, cafundó, cambada, muquirana, muvuca, entre tantas outras. Muitas vezes não nos damos conta da influência africana, especialmente do povo banto em nosso dialeto brasileiro. Estas palavras hoje, estão no nosso dicionário, e nós nos apropriamos da mesma, muitas vezes olvidados de sua verdadeira origem. A África cumpre um importante papel na formação do português que na atualidade falamos no Brasil.

O negro trouxe também sua fé e sua religiosidade, para o nosso país, destarte, necessário se faz argumentar, que esta fé e esta religiosidade, serviu de suporte de resistência ao negro escravo. As religiões de matriz africana, exerciam um papel, de medo e fascínio ao mesmo tempo ao homem branco. Com o corpo, lavado em sangue, estigmatizado pelo açoite, o negro buscava curar suas feridas e alentar sua alma, na sua fé, ritos e crenças.

A escravidão era dura e severa, a saudade e lembranças da África, castigavam sua alma, mas sua terra, estava além-mar, e para lá já não podiam voltar... O açoite da alma, marcado pelas lembranças, pareciam ser piores do que os estímulos deixados no corpo pelos chicotes e impiedosas mãos dos feitores. Nos fundos das senzalas, rezavam para seus deuses, dançavam e cantavam ao som de tambores, e despertar de suas divindades, neste momento incompreensíveis, e desconhecidas para os senhores patrões, coronéis e feitores.

Oportuno, é salientar que neste período o negro, ainda escravo, protagonizava sua fé, sem uma conotação religiosa, no sentido de agrupação, instituição. Neste momento ainda não falamos de candomblé, batuque ou terreiro, era reunião doméstica, mais como alívio da dor, e minimização da saudade, do que qualquer instituição hoje conhecida como religião. Era o instinto da fé, manifestando-se em um imbricamento de dogma e necessidade, de fazer o tempo passar.

Em terras estranhas, povo estranho, fé alheia, não restava outra, como um último suspiro chamar seus santos, invocar seus inkinces, vodun e ou orixás.

Para a África não poderiam voltar, seu povo não poderia para lá navegar. Se para a África não era possível ir, por intermédios de suas divindades traziam a África aqui. E a naçãoafricana aqui chegou, com seus deuses, seus ritos e costumes. Quando um negro entrava em um transe, já não eram mais escravos, eram agora, reis e rainhas, deuses e deusas, soberanos, majestosos. Tinham o cheiro da África, o dialeto, a expressão corporal, eram adorados e exaltados sob gritos de laroie, ogunhe, heparrei, entre tantas outras saudações que louvavam os deuses da África.

Não importava o corpo açoitado, o estigma da escravidão, ali, quem dançava, não era mais o negro irmão, era sim o rei, a rainha, que vinham em socorro do filho que sofria, quase desfalecido pelo açoite, e severas mãos do patrão.

Como os ritos, e rezas dos negros, se realizavam, com cânticos e sons de tambores, os mesmos eram confundidos pelos brancos, senhores e fazendeiros, como festa o algazarra de negro, por desconhecimento não entendiam que ali, se realizavam ritos religiosos, o que muitas vezes deixavam que os escravos divertissem sem molesta-los... Entretanto, muitas dessas reuniões religiosas no fundo da senzala, serviam para burlar os seus açoitadores, e mostrando uma normalidade cotidiana, tramavam e organizavam fugas de seus irmãos negros.

Muitos escravos que logravam fugir, se escondiam em quilombos, que serviam de abrigo, uma espécie de quartel general, para os negros que conseguiam escapar das fazendas e senzalas. Nestes quilombos, além de guarida tinham a unidade religiosa. Talvez nos quilombos, é que podemos falar já de uma simples, e pequena unidade religiosa, apesar da mistura dos dialetos, e etnia que ali se mesclavam.

Não podemos nos olvidarmos, que no Brasil, o negro foi separado, dividido, e dificilmente um mesmo grupo étnico ficavam junto eis que, propositalmente os mesmos eram separados, para dificultar a união e a comunicação. Os senhores, fazendeiros e feitores, temiam pela organização dos grupos, então para eles quanto mais separados os grupos estivessem, melhor poderiam controlá-los.



Entretanto, apesar do idioma, e etnia diferente, os negros tinham em comum suas entidades, que com diferentes fundamentos ou concepções chegavam a conclusão que cultuavam os mesmos entes... Talvez, neste momento, de encontros étnicos culturais, por força da necessidade, local, geográfica, e restrições lógicas da condição de escravos e ou fugitivos, é cravado o primeiro marco, das religiões de matrizes africanas, o que posteriormente seriam conhecidas como religiões afro brasileiras

É necessário, salientar que as religiões tradicionais da África, sofre por necessidade, aqui no Brasil, profundas transformações e adaptações. Transformações estas, motivada, pelas limitações que os escravos tinham, para professá-las e por condições geográfica, cultural, social etc. Estas transformações acontecem, pela influência natural também, que os negros foram submetidos, e a própria imposição dos catolicismos na vida dos mesmos.

Acredita-se que sincretismo (disto falaremos mais adiante), fauna, flora, mistura étnica, costumes locais, incluindo a diversidade climática de nossas regiões e estado, que influi diretamente na natureza, vegetação, frutos, plantações em geral, forçaram uma série de adaptação nos cultos dos deuses africanos.

## **1.1 Abolição: O fim da escravidão?**

Foi no dia 13 de maio de 1888, que a Princesa Isabel assinou a Lei imperial de n.º 3.353, conhecida como Lei Áurea. Esta Lei oficialmente extinguiu a escravidão no Brasil. É bom lembrar que o Brasil, foi o último país, do continente americano a abolir a escravatura. Até chegar à abolição da escravatura, que aconteceu gradativamente até seu apogeu, muitos movimentos foram armados e decretos institucionalizados, marcando o caminho para o fim da escravatura no nosso país. Antes da mesma, tivemos a Lei Eusébio de Queirós, a Lei dos Sexagenários, Lei do Ventre Livre, até chegarmos a Lei Áurea.

Após a escravatura, o negro, agora livre, torna-se escravo de sua própria sorte, livre, mas sem dinheiro e ou condição de sobrevivência, sem a possibilidade de voltar a seu continente, segue o negro, vivendo de favor, de seus ex senhores, a troco de comida etc.

Com rara exceção o negro se livra da escravidão, sem nenhuma condição de sobrevivência autônoma, o que colocava o negro na sociedade, totalmente desprovido de dinheiro e também de prestígio. Ressalto aqui, que a lei mudava uma instituição, não um povo, que seguia desprovido de ética e moral e tratava o negro como se ainda escravo fosse... O estigma da escravatura deveria o acompanhar por muitos anos, décadas e séculos.

Necessário se faz dizer, que a abolição da escravatura, ao contrário do que se pensava, não foi um ato de generosidade e de humanidade de D Pedro ou da princesa Isabel, e sim um ato de necessidade, para defender a Ordem Imperial.

Apesar do estigma, e toda a classe de dificuldade, de se manter, o negro agora é livre, e como consequência da liberdade, apesar das restrições da lei, o homem negro começa a tentar refazer sua vida, constituir família, e agrupar-se para professar sua fé. Ele já não é mais perseguido pelos senhores de engenho, já não é caçado pelos feitores, já pode ir e vir para onde quiser, se esta liberdade não fosse obstada agora pelo preconceito e pelo estigma da escravatura. Inicia-se aí, uma nova saga, novos desafios, novas resistências. Recordem-se os senhores, que o negro em um primeiro momento era tratado como animal, inclusive tido como não possuir alma. Não se olvide ainda, que não só os burgueses, e senhores das fazendas possuíam escravos, líderes da igreja, padres etc., também tinham escravos. O que nos leva a concluir, que apesar de espiritualizados, também de uma certa forma compactuavam com aquele tipo de instituição escravocrata. Quanto a estes líderes religiosos, óbvio, que sempre existiu exceção, que lutaram pela o fim da escravatura.

## **1.2 Religiões negras no Brasil**

As religiões negras no Brasil, chega com a diáspora do negro, como já vimos nos textos anteriores, entretanto, eram professadas de forma informal, nos fundos das senzalas e sem unidade.

Afirmar categoricamente onde foi e quando foi o primeiro terreiro, das religiões de matriz africana, é incorrer no erro, uma vez que tratamos de história

e relatos consagrados pela oralidade. Também é necessário, que venhamos levar em conta o fato da clandestinidade da mesma em época de perseguição e intolerância. A maioria dos terreiros, eram afastados dos centros urbanos, e camuflados por medo de investidas das autoridades policiais da época.

Entretanto, registros apontam Salvador (Bahia), como a primeira cidade a ter um terreiro de candomblé, o “**engenho velho**”, como era chamada a casa branca. Ilê Axé IYÁ NASSÔ, é tida como a casa mais antiga de candomblé, também é marcada como o primeiro monumento negro, tombada e declarada patrimônio Histórico do Brasil. Segundo historiadores sua fundadora foi Yá Nassô, ou uma das fundadoras. Uma possível data desta fundação seria o ano de 1830. Todos os terreiros de Candomblé, passaram por perseguição, inclusive o engenho Velho.

As religiões de matrizes africanas no Brasil ao se estabelecerem, foram taxadas como casa de feitiçarias, bruxarias, curandeirismos, anarquistas etc. Herança do estigma escravocrata do negro, que após a abolição é atirado a própria sorte, sem terras, sem trabalho, e com o incentivo do governo, que dava subsídio aos grandes senhores e fazendeiros, que usassem a mão de obra estrangeira, jogou cada vez mais o negro na lama e na miséria. Grifa-se aí, a necessidade, do Brasil, fazer justiça com o elemento Negro, na atualidade, pois esta dívida é herança de remotos tempos, que trazem consequência econômica, social e cultural até a atualidade.

Voltando ao intuito do objeto do livro que é ressaltar as ramificações das religiões negras no Brasil, evidenciamos aqui, com algumas pinceladas históricas que as religiões de matriz africana começam com o candomblé na Bahia. Candomblés, estes que lá estão até os dias contemporâneos.

### **1.2.1 Candomblé**

Religião de matriz africana, que chega junto com os escravos que desembarcaram no Brasil. Para o Candomblé, os orixás são divindades ou deuses supremos. A exemplo de outras religiões de matriz africana, os orixás apresentam funções próprias, personalidades distintas. Possuem ritos pessoais e individuais.

Dependendo da nação, praticada haverá algumas diferenças nas marcações, iniciações cânticos etc., entretanto sempre conservando a base como fundamento e preceitos que os identifica nas mais variadas nações e denominações aqui professadas.

### **1.2.2 Religião tradicional da África**

Por mais que os adeptos das religiões de matriz africana no Brasil queiram legitimar sua existência na África, o correto é dizermos que se cultua religião afro brasileira, e não religião africana. Todas as religiões aqui professadas, foram reconceituadas, e apesar de resistências civilizatórias certo que aqui os cultos aos orixás, inkices e voduns, sofreram profundas transformações, sendo elas necessárias para a sua existência do axé, do culto etc. Estas adaptações sofreram influência cultural, adaptadas as necessidades não só da cultura como da geografia.

Certamente, por mais ortodoxo que um sacerdote dos cultos afro, venha ser, não terá ele condição de cultivar as religiões tradicional da África, e sim religião de matriz africana.

Baseado nisto, é que reafirmamos a realidade, não existe culto puro, existe cultos adaptados as necessidades locais. Em um primeiro momento falamos de adaptação nacional, e depois agregações dos diversos estados.

Os cultos dos orixás perpassaram com o passar dos anos, décadas e séculos, os estados da Bahia, se ramificando em quase todos os estados do Brasil. Além da Bahia, os cultos dos orixás chegaram, Em São Paulo, Rio de Janeiro, Maranhão, Minas, Rio grande do Sul etc.

Em cada estado por influência de populares, receberam denominações diferentes, como O candomblé da Bahia, Rio e São Paulo, ainda, grifando aqui o genérico nome popular no Rio de Janeiro, de chamarem de Macumba Carioca. Em Minas Gerais o Tambor de Minas, Os Xangôs do Maranhão e o Batuque no Rio grande do Sul (este por motivos óbvios dedicarei um tempo mais para falar sobre o mesmo, afinal este é meu estado).

Sobre o Batuque do Rio Grande do Sul, dedicaremos um capítulo especi.

### **1.2.3 O monoteísmo nas religiões de matrizes africana**

Algumas correntes defendem a ideia, de politeísmos nos cultos de matriz africana, entretanto, nos somamos a tantos que defendem o entendimento, que descendemos do politeísmo, mas cultuamos as religiões afro brasileira como monoteístas.

Se as religiões de matriz africana, admitem um Ser superior, conhecido, como Olorum, ou Obatalá, ou Olodumaré e que todos os orixás advêm de seu poder ou existência, não resta dúvida do monoteísmo nos cultos dos orixás. Muitas pesquisas nos mostram, a característica do monoteísmo em seus rituais e dogmas. Segundo pesquisadores até mesmo na África podem identificarem o monoteísmo, no culto dos orixás.

No Brasil, o Deus supremo das religiões de matriz africana, não tem manifestação, transe etc., chega-se a ele por intermédio dos orixás, que recebem oferendas na intenção de pedir intercepção junto ao Pai, por todos nós mortais.

Dependendo da nação professada acredita-se que os Orixás, voduns, inkices, nasceram de um ou uma concepção suprema, que poderá ser OLORUM, OBATALÁ OLODUMARÉ, OU MALU-LISSA. Este ser supremo, encarregou-se de criar o ayê ((a terra) e tudo que nela existe, cabendo aos orixás o papel de auxiliares. Obatalá, o rei dos céus, quis segundo a mitologia africana, acabar com a ociosidade, indo até a linha do caos do nada, criando a luz e na luz, fazendo a criação de tudo que existe, inclusive o Homem. No livro Ibadu (a cabaça da existência), vivenciamos um verdadeiro gênese, na versão yorubá.

Segundo a história, por intermédios de itans, lendas e passagem, o SER SUPREMO, convoca todas as divindades para envolverem-se na criação do mundo, da terra, dando a cada divindade uma missão a ser cumprida.

Apesar da cultura das religiões de matrizes africana, serem quase que ágrafo, transmitida pela oralidade, os negros que aqui chegaram manterão viva a tradição, e passaram de pais para filhos, uma vasta e bela história, propagando a manutenção de uma cultura, que apesar da triste e derradeira escravidão, não deixou de elucidar a beleza e a riqueza cultural de um povo.

## **1.2.4 O Diabo cristão**

Oportuno é, o momento para falarmos, que nas religiões advinda da África, não existe este conceito de dualidade de um deus bom e um mau.

As religiões negras, trabalham com energias, cada orixá é uma energia, estas divindades, estão ligadas aos elementos da natureza, como o fogo a água, o ar e a terra. Sendo energia, apresentam campos de atuação negativa, e positiva, ativa e passiva.

Para o povo do além-mar, tudo é equilíbrio, como o dia e a noite, o homem e a mulher, o céu e a terra. O bem e o mau, estão intrínsecos nas pessoas, nas coisas, o fogo que aquece é o mesmo que queima, a água que refresca e mata a sede é a mesma que te afoga.

Nesta concepção, onde fala-se espíritos, mas lemos energia, precisamos construir um nível de entendimento, que entre o bem e o mau, paira uma linha fronteira, que nos ensina mais sobre limites, tolerâncias do que qualquer outra coisa.

Da mesma forma que as religiões afrobrasileiras, não catequizam a partir de um pecado original, tampouco doutrinam sob a égide do pecado. Os indivíduos, são orientados a fazer o bem, ajudar e auxiliar o próximo, para que por intermédio de boas ações encontre a evolução espiritual.

Acreditam as religiões de matriz africana, que o homem, precisa voltar a se interiorizar, descobrir seu verdadeiro eu, e uma vez que descubra, estará em paz, e estando em paz, viverá melhor com sua comunidade, com seus semelhantes. Esta filosofia de pensamento, faz com que o povo de terreiro, seja empático, desprovido do preconceito seja ele da forma que for. Vivenciamos aí, nesta filosofia o próprio conceito de religião, de Jung, que na psicologia diz que Religare é conceito de homem conectado com seu interior.

Apesar, do grande processo de demonização, dos cultos afro brasileiros, pelos chamados neopentecostais, estas religiões de cunho afro, não divinizam o Demônio, diabo são sempre surtos psicóticos dos seres humanos. Cabe aqui,



ressaltar que é da natureza do homem, buscar culpados para seus atos, está sempre fugindo de suas responsabilidades, e despindo-se de suas culpas. Em função disto, não existe coisa melhor do que divinizar um ente para ser culpado de todos seus erros, fracassos e limitação. Desta forma o Homem perde um trabalho, porque algum tipo de demônio o tentou, trai porque foi acometido de uma possessão maligna. Assim, segue o homem fugindo de suas verdadeiras culpas, da falta de caráter, ética e moral. E toda a sorte de irresponsabilidade, maldade, fracasso e culpas o mesmo coloca na conta do “Diabo”.

A dualidade cristã, Deus e Diabo, leva-nos também, a uma derradeira concepção de recompensa pós morte. Recompensa ou punição, ganhando com isto de acordo com seus atos terrenos o Céu ou o Inferno.

Para o povo de orixá o Orum (céu do povo africano), não existe, nesta concepção geográfica imaginária dos cristãos, não existe um paraíso. O céu, para o povo de terreiro é uma concepção espiritual. Sendo um estado de espírito o ser desencarnado, que evolui espiritualmente, está iluminada espiritualmente, cumpriu com sua missão terrena, este guiado pelos orixás estará no céu. Então, céu é um estado de espírito, luz e evolução, o que faz do inferno também um estado de espírito, com a negação de todos atributos e conceitos do céu yorubá, já citado a cima.

## 2 RELIGIÕES DE MATRIZES AFRICANA NO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL

### 2.1 O Batuque afro-gaúcho

Uma das versões dos cultos afro, é o Batuque, professado no estado gaúcho. O culto afro gaúcho, chamado de forma genérica de batuque, apresenta-se com ritos próprios, fundamento e feitura independente, o que o difere substancialmente do candomblé.

O nosso Batuque ou Nação, também é conhecido, já foi chamado de Pará. Os Parás do Rio Grande do Sul, entretanto, ficaram conhecidos mesmo pelo nome popular de batuque, e desconhecemos até então o porquê da nomenclatura antiga de Pará. Alguns estudiosos, como Paulo T. B. Ferreira (1994), *Os Fundamentos Religiosos na Nação dos Orixás*, Leopoldo (1963). *Do batuque e das origens da umbanda: simbolismo, ritualismo, interpretação*, Norton Figueiredo Corrêa, com o *O batuque do Rio Grande do Sul: antropologia de uma religião afro-rio-grandense*, arriscam-se a dizer, que quiçá este nome tenha vindo erroneamente de uma corruptela da palavra Bará, uma das entidades cultuada no Batuque. Corrêa (2006) aponta que pode encontrar as vertentes do culto no Uruguai, Argentina e Santa Catarina, devido às migrações populacionais que acontecem esporadicamente no território brasileiro e na América do Sul. Ressalta que estas migrações apontam semelhança que o Batuque tem com relação ao Xangô pernambucano e ao Tambor de Mina maranhense. Mas as características do Batuque se mantêm firmes e específicas do estado, pois trata-se de um contexto sociocultural diferente dos demais.

Há quem diga que Pará era a denominação que os negros davam ao culto e que batuque era o nome pejorativo que o povo mencionava, por causa dos tambores associados a batucada, ou ato de batucar, tocar tambor.

O culto afro-gaúcho teve sua estruturação no estado por volta dos anos 1833 e 1859, no século XIX. Acredita-se que os primeiros terreiros de batuque tenham surgido nas cidades de Pelotas e Rio Grande e só posteriormente na segunda metade do século XIX, chegando à Capital do Estado. Na atualidade o Batuque

está disseminado, pela maioria das cidades gaúchas, com uma porcentagem bem significativa de adeptos, negros e brancos.

A exemplo de outros cultos de matrizes africana, o batuque também em sua origem era protagonizado pela maioria negra, condição esta que perdeu espaço com o passar do tempo, hoje sendo uma religião mista, etnicamente falando.

Também a exemplo das demais religiões de matrizes africana, o culto afro-gaúcho, foi repensando, reconceituado e reestruturado aqui no Brasil, segundo suas necessidades e cultura. Esta readaptação o torna uma religião afro brasileira, com raízes nas matrizes africana, entretanto não africana. Por mais que as mais variadas nações em suas semânticas, queiram legitimar seus ritos ou sua nação, não há que se falar em nação pura. O batuque, a exemplo de outras versões afro-ritualística, também é uma religião brasileira, somada a todas as sortes de influência no Brasil, descendendo de nomenclaturas de nações ou seguimentos, que também se desenvolveram com roupagem da cultura brasileira.

O batuque, é uma somatória de ritos aqui estruturados, com bases ou raízes do povo africano, que aqui chegaram. Pode-se dizer do Batuque, que o mesmo é fruto de religiões dos povos da Costa da Guiné, do Benim e da Nigéria, entretanto, aqui se misturaram, se readaptaram, dando espaço para um novo culto, moldado a nova cultura, e a uma nova realidade. Esta, nova realidade e readaptação se transformou em um ventre materno, que deu origem as religiões afro-brasileira.

As feitura no batuque, iniciações, bem como consultas de oráculo (jogo de búzio), sacralização, direção e administração dos terreiros, está sob responsabilidade de uma única pessoa: O sacerdote, ou seja, o babalorixá ou ialorixá.

Diferente do candomblé, cabe ao babalorixá e ou a ialorixá do batuque todas as funções sacerdotais, não existindo cargos iniciáticos como no candomblé. Em outras palavras é o sacerdote ou sacerdotisa, que cuidam dos axés, da lavagem de cabeça até a imolação dos animais, para feitura, assentamento ou oferenda das divindades. Por mais que o pai ou mãe de santo, descentralize suas funções, o que permite este ou aquele yaô auxiliá-lo, ele continua sendo o único cargo de autoridade máxima dentro do terreiro, e o yaô por mais tempo que tenha no terreiro, inclusive status de pronto, continuará sendo dentro do terreiro uma iaô pronta, mas nunca com grau sacerdotal que substitua o pai ou a mãe de santo.

## 2.2 Nações do Batuque

As nações cultuadas no batuque afro gaúcho são JÊJE, IJEXÁ, CABINDA, NAGÔ, OYÓ. Delas nasceram também algumas agregações dando origem a outras nações miscigenadas como jêje-nago, jêje-ijexá, etc. Em todas estas nações, na atualidade, se estruturam com poucas diferenças, conservando uma mesma base, enquanto toque e festas, modificando apenas algumas rezas, ou acentuando a cadencia deste ou àquele xirê. Às vezes, mudanças em forma de feitura, oferenda, ou cor de orixá, dedicando dias da semana diferente para esta ou aquela divindade. Apesar destas mínimas diferenças, destarte, necessário se faz dizer que os orixás em um tocante geral são os mesmos cultuados em todas Nações Afro gaúcha. Baseado em pesquisa e referências bibliográficas, citarei abaixo na integra alguns exemplos de representantes das diversas nações, professadas no cenário afro-gaúcho.

*Ijexá — Paulino de Oxalá Efan, Maria Antônia de Assis (Mãe Antônia de Bará), Manoel Matias (Pai Manoelzinho de Xapanã), Jovita de Xangô; Miguela do Bará, Pai Idalino de Ogum, Estela de Yemanjá, Ondina de Xapanã, Ormira de Xangô, Pedro de Yemanjá, Pai Tuia de Bará, Pai Tita de Xangô; Menicio Lemos da Yemanjá Zeca Pinheiro de Xapanã, entre outros.*

*Oyó — Mãe Bibica de Ogum Ipolé, Mãe Cesária de Xangô Oba-Leri, Mãe Emilia de Oyá Lajá, Pai Donga da Yemanjá, Mãe Gratulina de xapanã, Mãe “Pequena” de Obá, Mãe Andrezza Ferreira da Silva, Pai Antoninho da Oxum, Nicola de Xangô, Mãe Moça de Oxum, Miguela de Xangô, Acimar de Xangô, Toninho de Xangô, Timde Ogum, Pai André do Ogum, Mestre e Pai Fernando de Bará, Pai Jauri de Oxum Funiké, Mãe Ritinha de Xangô Aganju, Pai e Mestre Borel de Xangô, Pai Clovis de Xangô, Mãe Sueli de Iemanjá, Mãe Neneca de Xangô, Mãe Araci de Odé, Mãe Dirce de Nanã, Pai Fábio de Oxum, Mãe Eulinda de Oyá, Pai Máximo de Odé, Pai Mozart de Iemanjá, Mãe Ieda de Ogum, Pai Hélio de Xangô, Pai Chiquinho de Oxalá, Mãe Jane de Oxum, Mãe Vera de Ossanha, Mãe Norinha de Oxalá, Pai Gululu de Oxum, Mãe Zeti de Bará, Mãe Ercília de Bará, Mãe Vera de Oyá, Mestre e Pai Adãozinhode Bará, Mestre e Pai Passarinho de Bará, Pai Adilson de Oxum, Mãe Sueli de Xangô, entre outros.*

*Nago - Grandes nomes desta nação, podemos citar: Paulo de Agandju, Imbrain de Oyá Mesan, Aldirio de Xangô, Aída Ricciardi Chiarelli de Agandju, Volni de Ogun, Enio Gonçalves de Ogun, Leda Feijó de Oxum, João Carlos Lacerda de Oxum, Norma Feijó de Xangô, Baba Evanisé de Xangô Alafin Exê, João Cunha de Xangô Djakuta, Velede de Bará, Arminda de Xapanã, Vó Lúcia de Xangô (embora da Nação Oyo, influenciou muito o Nagô em Pelotas), Zé Coelho de Odé Otulú, Professor Lino Soares de Odé, Albertina de Bará, Vó Diva de Odé, Vó Lourenço de Odé, Paulo Vieira Nunes de Bará-Odé.*

*Jêje — Mãe Chininha de Xangô, João Correa de Lima (Joãozinho do Exú By) responsável pela expansão do batuque no Uruguai e Argentina, Zé da Saia do Sobô, pai Santiago de Oxum, mãe Otilia de Ogum, Loreno do Ogum, Nica do Bará, Alzira*

*de Xangô, Pai Pirica de Xangô; Mãe Dada de Xangô; Leda de Xangô; Pai Tião de Bará; Pai Nelson de Xangô, Mãe Haidê de Oxum, Pai Vinícius de Oxalá, Pai Max de Xangô Agodô; Mãe Cleusa de Bará, Pai Ivonir de Ogum Onira, pai Pedro de Oxum, mãe jalba de yansa, pai Alexandre de oxalá, pai Mário de oya, mae juvelina deyansa, mãe nirlete de Yemanjá, pai Ivan de Yemanjá, mãe Dulce de Oxum doco, pai luis do bara talade, pai Marco Aurélio de Oxum, pai Alexandre de xango entre outros.*

*Kambina (Cabinda) Tiemar (rebatizado Waldemar) Antonio dos Santos de Xangô Agodô, também conhecido por Waldemar de Kamuka; Pai Cleon de Oxalá, Maria Madalena Aurélio da Silva de Oxum, Palmira Torres de Oxum, Pai Henrique de Oxum, Pai Romário de Oxalá, Pai Gabriel da Oxum, Mãe Marlene de Oxum, Pai Tati de Exú Lanã, Mãe Ole de Xangô, Pai Genercy de Xangô Agandju, Pai Adão de Bará, Pai Mário da Oxum, Pai Nazário do Bará, Pai Didi de Xangô, Mãe Alice de Oxalá, Pai Enio de Oxum Miuá, Mestre e pai Xamim de Xangô, Mestre e Pai Antônio Carlos de Xangô e Mestre e Pai Jango de Xapanã, Mãe Vera de Xapanã, entre outros. Batuque (religião)*

Fonte: Elaborado pelos Autores (2019).

## 2.3 Crença e ideologia religiosa

O batuque cultua basicamente doze orixás, que vieram da África, acredita que os mesmos são manifestações dos elementos da natureza. O orixá seria em outras palavras a natureza divinizada. Orixá são espíritos da natureza, ancestrais divinizados, que interferem positivamente na vida do homem. Os mesmos estão ligados a todos os elementos da natureza, como o fogo, a terra, a água, o ar. Outro sim, poderíamos dizer que orixá é a própria natureza, ou os próprios elementos da natureza divinizado.

A força dos mesmos se manifesta livremente nos rios, nas matas, nas estradas, ruas ou cruzeiros, nas cachoeiras, nos oceanos, mares etc., entretanto, uma parte de sua força está dentro dos terreiros, canalizadas em seus assentamentos, fixadas energeticamente por intermédio de ritos próprios, sacralizações, feitura, insígnias, símbolos e fetiches. Acredita-se no batuque, que todo homem é inspiração, de olorum (Deus), entretanto imagem e semelhança de um ente espiritual,



chamado orixá. Logo, homem apresenta, características físicas, intelectuais, caráter, personalidade, herdada de um ancestral divinizado, ou seja, de um orixá.

Como exemplo, uma pessoa do orixá ogum, teria características semelhante a este orixá guerreiro e indomável. Cada orixá, está ligado também a uma parte do corpo humano, relacionado a algum órgão vital, também se correlaciona a funções terrenas do homem como profissão, habilidade etc.

## **2.4 Orixás do Batuque**

**BARÁ: É o primeiro dos orixás cultuados na nação afro gaúcha**



Fonte: Google (2019).

Este orixá é o exu africano, está ligado aos caminhos, senhor dos caminhos, abrindo ou fechando, possuidor da chave, dono da moeda. Relacionado a novos horizontes, é orixá da comunicação, mensageiros dos demais orixás, intermediário de orulum e o homem. Cabe a ele traduzir, levar os pedidos do homem e ou trazer as respostas do divino. Bará é guardião, é o porteiro, símbolo da sexualidade masculina, virilidade, sedução e vaidade. Bará é a contração da palavra ioruba Elegbara (Ele - possuidor + agbara - poder) significando “O possuidor do poder.



Na antiguidade, por bará estar ligado a virilidade masculina, seus cultos e feitura eram exclusivamente dedicados aos homens, entretanto em tempos modernos já é possível vermos mulheres iniciadas a estes orixás, principalmente aos barás dito de dentro. Ainda que em tempos contemporâneos tenhamos mulheres iniciadas a bará, continua viva a tradição do culto de bará estando ligado a masculinidade, herança das raízes banto e yorubá. Bará é o primeiro orixá a ser servido, bem como primeiro a ser assentado. Não chegamos a lugar algum sem antes passarmos por caminhos de bará.

Bará Lodê, é o que chamamos de bará de fora. Tem seus assentamentos fora do terreiro, geralmente próximo a porta do terreiro. As demais qualidades de bará como Lanã (Lonan), Agelú e Adague, são barás que tem seus assentamentos dentro do terreiro.

Cabe, salientar que há a qualidade de bará Elegbá, ou bará Leba, mais comumente chamado, mas é um bára da nação Cabinda, seus assentamentos geralmente separados dos demais e no lado de fora dos terreiros. Alguns assentam nos fundos, outros a frente em casa separadas e alguns inclusive junto com o lodê. Por não ser um orixá de minha nação, não entrarei no mérito da questão.

Figura 1 – Bará: Características principais



Fonte: Elaborada pelos Autores (2019)

Guia: corrente de aço (para alguns) ou vermelha escura e vermelha sangue (Lanâ, Lodê, Adague e Agelú). Admitindo variáveis dependendo da nação.
Oferenda: pipoca, milho torrado, sete batatas inglesas assadas no (azeite de dendê), com variáveis dependendo da nação.
Ferramentas: corrente, chave, foice, moeda, búzios, ripas, entre outros
Ave: galo vermelho, Quadrúpede: Cabrito.
Lugares na natureza: encruzilhadas.

Fonte: Elaborado pelos Autores (2019).

## OGUM



Fonte: Google (2019).

O orixá Ogum, dono do obé, da faca, do axé de faca, sem ele não poderá fazer uso deste axé. Cabe a ogum licenciar consagrar e confirmar o obé, para imolação. Ogum é guerreiro, desbravador. Ogum é o senhor do ferro e tudo que dele deriva. Foi ogum quem confeccionou as armas e ferramentas para o homem, por isto também é dele todas as armas e ferramentas. Nas nações afro gaúcha, é quase unanime o entendimento que se não tem ogum assentado, não terá axé de faca. Com exceção de Ogum Havagan, que tem seus assentamentos a fora, juntamente

com Bará Lodê, as demais qualidades de ogum são assentadas dentro do terreiro, a exemplo de Ogum diolá e Ogum Onira. Dependendo da nação, as cores de ogum poderá ser: Verde e vermelho, verde e branco. Com variáveis conforme a nação. Oferenda: Ogum come pipoca, costela de boi, 3, 5, 7 ripas, alface, salada, laranja, com variáveis conforme a nação.

As suas armas e ferramentas são: a espada, a lança, a bigorna, o escudo, o capacete, a ferradura, o martelo, a marreta, a enxada, o ancinho, o alicate, o bisturi e o serrote (para OgumAvagã, um revólver). Os seus metais são o ferro, o aço e o chumbo.

Observação: Ogum havagan em algumas nações não o entregam cabeças ou sejam não dão filhos direto para Ogum havagan, já outras entregam normalmente.

Figura 2 – Ogum: Características principais



Fonte: Elaborada pelos Autores (2019).

## OYA



Fonte: Google (2019).

Oyá é o primeiro orixá feminino a ser invocado no batuque, dentre os orixás feminino oyá é guerreira, dominadora. Senhora dos ventos, das tempestades, está ligada aos mortos e domina a morte. Oyamensã, a mãe dos 9 filhos, tem entre tantas funções o domínio sobre os eguns. Está ligada aos ritos fúnebres e desligamento do egum.

Suas cores dependendo da nação varia entre o vermelho, branco com vermelho, e até mesmo marrom coral. (Possivelmente de variáveis conforme a Nação).

As características são: Dona da panela, do teto, e das paixões, feminina, guerreira e desbravadora. Oyá, é conhecida como um orixá sensual e conquistador.

Alguma qualidade deste Orixá, Oyá Dirã, oyá Niqué, Funique, Laby, Lajá entre outras. (Todas as frentes e oferendas poderá variáveis conforme a nação, bem como cores e dias da semana).

Observação: A qualidade de Oyá Timbuá, é uma qualidade de orixá de cabinda

Figura 3 – Oya: Características principais



Fonte: Elaborada pelos Autores (2019).

## XANGÔ



Fonte: Googlet (2019).



Orixá da justiça, senhor do trovão, do fogo. É dono do oxé, machada dupla, tem como reverencia máxima sua dança de exaltação, o alujá. É dono ainda, do Kassum, axé da balança, e é por intermédio dela que xangô confirma as obrigações feita no xirê. Xangô é protetor dos homens que lidam com a justiça, advogados, juízes etc., estudantes, escrivanos entre outros. Todos os axés, oferendas, ferramentas e dias da semana, poderá apresentar variáveis conforme a nação. Cabalisticamete vibra: 6,12 e múltiplos. Observação: XANGO KAMUCÁ, é uma qualidade de xangô cultuado na nação de cambinda.

Figura 4 – Xangô: Características principais



Fonte: Elaborada pelos Autores (2019).

## ODÉ E OTIM



Fonte: Google (2019).

Casal de orixás caçador, vivem nas matas, senhores da caça, da alimentação e estão ligados a proteção familiar. Odé é caçador, entretanto defensor e protetor da fauna e da flora. Por isto odé não gosta de desperdiço, e só matava para comer, alimentar.

### Otim

É sua companheira inseparável, algumas nações dizem que otim é a ilusão de odé. Otin (grafia do yorubá) significa o rio que embriaga, otim é dona da imaginação, alucinação, fascinação. Otim na maioria das nações não ocupa seus filhos, e nem a ela é entregue o ori, sua feitura é quase sempre feita junto com Odé e ela geralmente está de ajuntó do Filho de Odé. Ambos orixás recebem nas oferendas carne de porco, pipoca, frutos em geral, algumas nações alimentam exclusivamente com dendê e outras usam o mel. As ferramentas são: bodoque, arco e flecha. As aves são: Casal de aves susex (pintado) ou amarelo. Observação: Axés, oferendas dias da semana e assentamentos poderão apresentar variáveis conforme a nação cultuada.



Figura 5 – Odé E Otim: Características principais



Fonte: Elaborada pelos Autores (2019).

## OSSANHA



Fonte: Google (2019).

Nosso médico, curandeiro, senhor das folhas, donas de todas as folhagens. Tem o segredo da vida e por intermédio do amaci ou mieró, dá vida a todos os iniciados, que renascem na liturgia batuqueira. Todos os objetos, insígnias de todos os orixás, bem como akutas, deverá passar pelo axé de ossaim. Por isso, sem folhas, sem orixás, sem ossaim, sem orixá. Está ossanha ligado a braços e pernas, e divide o poder de cura com o orixá xapanã. As características são a cor que varia de acordo com a nação entre verde e amarelo e ou verde e branco. Axés,

liturgias, oferendas e entendimentos poderam apresentar variáveis conforme a nação cultuada. Suas ferramentas: São bisturi, Moleta, cachimbo, relógio. As aves: Galo vermelho bem clarinho, ou amarelo, também galos arrepiados e ou galos polacos. Come Pipoca, apeté, ovos cozidos, linguiça etc.

Figura 6 – Ossa: Características principais



Fonte: Elaborada pelos Autores (2019).

## OBA



Fonte: Google (2019).

A grande rainha, ligada a guerra e a coragem, obá é um orixá feminino, cheio de tabu, na liturgia batuqueira.

Não é muito fácil encontrar filhas(os) de Obá. Sabe-se que no passado, não se entregava homens, para obá, o culto de obá estava ligado diretamente a pessoas do sexo feminino. Bem verdade que na atualidade já é comum vermos filhos do sexo masculino com ori dedicado a Obá. Este orixá, também é considerada a rainha da justiça, está ligado a roda e a todos os cortes. Cheia de tabus, temidas por uns e respeitada por todas Obá, divide o dia da semana com xangô e oyá na terça feira, podendo responder na segunda junto com Bará, ou na quarta feira junto com xapanã. Suas ferramentas, Gilete, Navalha, roda etc. Sua oferenda pipoca, lentilha, canjica revogada com feijão fradinho, abacaxi etc. Observação, Ritos, cores axés e oferendas poderão apresentar variáveis conforme nação.

Figura 7 – Oba: Características principais



Fonte: Elaborada pelos Autores (2019).

## XAPANÃ



Fonte: Google (2019).

Orixá da saúde, ligado principalmente as doenças de pele. Ele está entre a doença e a cura, segundo lendas antigas, eram xapanã um guerreiro temido, por ter o poder de enviar doenças contagiosas. Xapanã (DO DIALETO FON), ligado a varíola, e tantas outras doenças de pele, doenças bexigosas, feridas, lepras etc. Outro sim, que este misterioso orixá tem o poder da cura, da limpeza, física, psíquica e espiritual. Conhecido no Candomblé com qualidades de Omulu e Obaluayê, no batuque é o dono da vassoura, que limpa, que afasta, que descarrega todo o ambiente, bem como o corpo físico, material e espiritual. Assim como Odé é rei do Keto, Xangô, rei de Oyó, Xapanã é o rei do Jêje. Mesmo sendo um orixá originário do povo Daomentaneo (Daomé), hoje Benim e cultuado e exaltado pelos Fons, perpassa estes orixás os cultos Jejê, e está em todas as nações afro gaúcha, como no oyó, nagô, ijexá, cabinda etc. Sua oferenda é Milho, amendoim, feijão preto, pipoca e apetés. Suas aves: Galos pintados ou 3 pelos, as vezes vermelho e preto e quadrúpede: Carneiro ou cabrito, dependendo da nação. Em sua vassoura, arma de limpeza no batuque, aparecem 7 ou 9 cores. Suas ferramentas, vassoura, cruz, coroa de espinho, rastilho etc. Observação: Todos os axés, ferramentas e oferendas aqui referidos, bem como feitura destes orixás, poderão apresentar variáveis conforme nação cultuada.



Figura 8 – Xapanã: Características principais



Fonte: Elaborada pelos Autores (2019).

## IBEJI



Os **Ìbejì (yoruba), Ibêje ou Ibeji**, são os orixás gêmeos do batuque afro gaúcho, estão ligados a xangô, bem como a oxum, a proteção as crianças é sua principal missão.

Com feituas representadas por vultos (espécie de bonecos de madeira), são homenageados com uns belíssimos rituais chamados mesa de beijin, dedicado as crianças. Orixá do mel que tem a doçura das crianças, entretanto, poderá manifestar a rabugice dos adultos, tornando os azedos e impacientes. Orixá infantil que está ligado a maternidade, o feto, a gravidez. Diferente do conceito que

recebem no Candomblé, onde apresentam com assentamentos independentes, na nação ele estará ligado a xangô ou oxum, como xangô de ibeijin e ou oxum de ibeijin. Seus dias votivos são terças, sábado e em algumas nações do domingo. Suas cores: Todas as cores juntas menos o preto. Suas oferendas variam de doces e guloseimas até Amalá. Recebe conforme a nação preceitos de sacralização, semelhante a xangô e oxum.

Representam a possibilidade dos diferentes caminharem junto, e exaltam a importância do equilíbrio das contradições, o valor dos dois lados da moeda, a importância do falar e do escutar, a necessidade de ouvirmos as duas partes, equilíbrio tão necessário, para o bem social da humanidade.

O poder da fecundação, de ibeijin vai mais além do que a fecundação do ventre materno, refere-se também a fecundação de novas ideias, novos projetos, sempre marcados pelo equilíbrio e justiça de xangô, com a proteção e doçura de oxum.

Observação: Todos os conceitos, axés e interpretações de ibeijin, poderão apresentar variáveis conforme nação professada.

## **OXUM**



Fonte: Google (2019).

O Orixá das águas doces, senhora dos rios dona da beleza. A yabá da riqueza, mãe do outro, e vaidade feminina. Está ligada a regência do feto e a fecundação feminina, a proteção do período de gestação da mulher. Cuida oxum, das crianças, desde do feto até 7 ou 8 anos, período que poderá já deixar que o verdadeiro orixá do infante o assuma.

Oxum vaidosa e protetora, também assumem posições de ativa e guerreira, seus ritos e danças envolvem sempre beleza e sedução.
O brilho, o perfume, e a vaidade fazem parte dos cultos de oxum.
A mesma também está ligada à mesa dos inocentes, mesa de ibeiji.
Flores e perfumes, oferendas prediletas, canjica amarela, mel, quindins, melão, mamão, fazem parte de seus axés.
Aves: Galinha amarela
Quadrúpede: Cabra claras ou amarela
Suas ferramentas variam de espelhos, bonecas, colares, brincos e pulseiras, perfumes etc.

Fonte: Elaborado pelos Autores (2019).

Algumas qualidades de oxum, poderíamos citar Dokô, Idemum, Pandá, Olobá, demum, Mirê Iereche, Oxum Adocô, Oxum de Ibeiji, entre tantas outras.

Oxum está nos rios, lagos e cachoeiras e também no encontro do rio com o mar, dependendo da qualidade.

Observação: Todos os conceitos de axé, oferendas e ritos, destes orixás poderá sofrer mudanças de entendimento conforme nação professada.



Figura 9 – Oxum: Características principais



Fonte: Elaborada pelos Autores (2019).

### **YEMANJÁ= YEMONJA**



Fonte: Google (2019).

Na África este orixá é a mãe dos rios, no Brasil ganhou status de a mãe dos oceanos, rainhas dos mares, protetora dos pescadores, etc. O culto de yemanjá, perpassa as fronteiras dos adeptos do batuque e iniciados as religiões de matriz africana, pois, yemanjá ganhou o carinho e o afeto popular. As manifestações de fé vêm de todo povo, todos querem homenagear yemanja, na virada do ano, no dia 2 de fevereiro, etc. Yemanjá tem a força do pensamento, a

manutenção da vida, da consciência, mãe da família, matriarcal, protetora dos lares. Yemanjá apesar de protetora é a mãe severa e catequizadora, as mãos firmes que mostra o caminho, que ensina. Vaidosa com seu espelho usa-o como arma para refletir a consciência de seus filhos, é como se fizesse refletir seus próprios atos, para que com eles aprendam, reflitam e intendam a necessidade de mudança se assim o for necessário.

Yemanjá come canjica branca, cocada, peixes, maçãs brancas, melancia, Pera, uvas brancas dependendo da nação
Yemanjá Bocy a mais jovem e a Bomi as mais velhas, tendo Nanã Borocum cultuada junto como qualidade das mais velhas e anciã orixá. Destarte, necessário se faz elucidar que no batuque, com rara exceção de alguma nação, Nanã, não tem um culto específico, como no candomblé, o culto da mesma está diretamente ligado a yemanjá.
Suas cores variam do azul claro, azul com branco e em algumas nações lilás para a qualidade de Nanã. Dia da semana: sexta feira e em algumas nações sábado. Aves brancas, carijó e recebe ovelha ou cabras como quadrúpede. Sua saudação omi-odô
Reserva-se o direito de outras interpretações conforme nações professadas.

Fonte: Elaborado pelos Autores (2019).

Figura 10 – Yemanjá= Yemonja: Características principais



Fonte: Elaborada pelos Autores (2019).

## OXALÁ



Fonte: Google (2019).

Um dos mais respeitados e importantes orixás das religiões de matrizes africana, cultuado no batuque como o grande ORIXALÁ, pai de todos os orixás, bem como de toda a humanidade. Orixá funfun, do branco, dono do alá. Enquanto jovem, guerreiro oxaguian, é ágil e habilidoso. Já na qualidade velho oxalufan, é lento em seus passos e carregado sempre por outros orixás.

Na qualidade de Urumilaia, está ligado ao axé de búzio, por ser o orixá da visão, da sabedoria, o conhecedor do futuro. Seus dias da semana é quarta feira para o moço e domingo para o velho. Algumas nações ainda dedicam a sexta feira a todos os oxalá. Urumilaia é representado pelas cores alternada branco e preto.

AS CORES DE OXALÁ: Branco ou variáveis de branco, alternando entre branco leitoso, opaco, a cores de branco transparente, cristais etc. Algumas nações usam algumas contas celestes alternando o branco em qualidades de oxalá jovem.
---

Oxalá recebe POMBOS BRANCOS, GALINHAS BRANCAS, CABRAS BRANCAS
---

Come canjica branca, mingau, arroz de leite, peras, uvas brancas, etc.
--

Para Urumilaia a galinha preta é usada, para ritos do oráculo, axé de búzios.
---

Sua saudação é EPABABÁ, EPAÔ BABÁ, EPIEPI BABÁ ORIXÁ OXALÁ.
---

Reserva-se o direito, de outras interpretações sobre estes orixás, pois, haverá variáveis conforme nação cultuado.
--

Fonte: Elaborado pelos Autores (2019).

**Meus respeitos a OXALÁ, meu ORIXÁ. (Orixá de Moises Marques, um dos autores do livro).**

Figura 11 – Oxalá: Características principais



Fonte: Elaborada pelos Autores (2019).

### **Egum, Egun**

O ancestral egun, da mesma forma que os orixás, recebem oferendas e cânticos específicos. Está diretamente ligado aos axêxes, aresun etc. Todos, os ritos de desligamento, estão direcionados a egun. Ritos controversos, que muitos poucos o dominam fluentemente. Cada nação tem rito próprio para egum, e desligamentos.

No Brasil, a palavra egum, tem sido erroneamente confundida a espírito ruim, escurecido, kiumba. Claro, que todo o kiumba é um egun, entretanto, nem todo o Egun é um kiumba. De maneira geral, para nós dos cultos afro brasileiro, todo o indivíduo que desencarna é um egun. Então egum do Iorubá egun, é para nós de matriz africana, alma ou espírito ou espírito de qualquer pessoa iniciada ou não, nos cultos de Matriz Africana.

O balé, casa dos mortos, é local onde são cultuados ou divinizados o egun, entretanto, egun está sempre livre, ele não está preso, tampouco, o balé serve para aprisioná-lo, ou para manter o mesmo como escravo. Esta, é uma interpretação

errônea e equivocada das pessoas, ou por falta de informação, ou por deficiência ética, que usam do nome do egun, ou da casa do egun, para assustar, amedrontar os leigos. No balé, podemos ter várias classes de eguns, e lá com certeza terá o egungun, ou babá egum, que seria o ancestral divinizado, egun divinizado. O egun divinizado, mantém um elo de ligação do morto ao vivo, ele cumpre função de orientação, aconselhamento por elos que se ligam por intermédio da memória. Egum faz claramente a distinção que existe entre a vida e a morte. Se os vivos visitam os mortos, ou o que sobrou como ponto de lembrança do morto, o egum faz esta função ao contrário, é o morto que visita os vivos. O dia 2 de novembro, sincronicamente é dia dos mortos, meus respeitos a todos os egun, nossos ancestrais, familiares, já desencarnado.

Meus respeitos, a todos aqueles que já partiram, que estão em outros planos, que o amor e carinho que sempre tivemos por eles aqui na terra, possa chegar até eles no plano que estiverem. Certamente na casa do egun, que está geralmente no fundo do terreiro, afastados dos demais assentamento, terá conforme a nação um dia próprio e com rito próprio para exaltação do mesmo. Mais uma vez reservo o direito, para diversas interpretações sobre este tema, pois, possíveis variáveis existem e são aceitas conforme nação professada. **Amor, Gratidão e Respeito.**

## UNLÓ

### EI-EI FILÁ EGUN, EI-EI GUIN GUIN

**Meus Respeitos:**

***IN MEMORIAN: MÃE CHININHA DE XANGO DE XANGO (Nossa Tataravó) JOAOZINHO DO ESU BY***

***(Meu bisa vô), PAI POCHO DE XANGO UNDE (Meu avô), e também a Pai Pirica de Xangô, Pai Zé da Saia de Sobô, Pai Tião de Bará, e a todos os baluartes da nação Jêje, que já não estão conosco. Meus respeitos a meus ancestrais do jêje.***

## **2.5 Outras manifestações religiosa no Brasil com algum tipo de influência afro (osincretismo pagão)**

Em várias regiões do país, somaram-se com mais ou menos intensidade, uma espécie de sincretismo pagão, ou seja, mesclaram-se os cultos locais, como Pajelanças, Catimbó, Juremeiros, e tantos cultos de origem indígena que com o passar do tempo, agregaram costumes das religiões afro, em suas liturgias.

Principalmente no Norte do país, nos estados do Amazonas, Pará, Acre, Rondônia, Roraima, Amapá e Tocantins.

Por outro lado, pode-se dizer da agregação inversa, ou seja, os cultos de matrizes africana, que por lá chegaram, trouxeram para seus ritos os costumes indígenas.

Esta fusão, mágica, cultural, espiritual, faz do Brasil, deste país, uma terra rica em lendas e mitos, trazendo ao seu povo uma diversidade cultural e espiritual. E o negro em síntese contribuiu muito para esta miscigenação de cultura.

As religiões de matriz africana, seja no estado que for, não fugiu, e muito menos ficou alheia ao sincretismo. Muito pelo contrário, este fenômeno social e espiritual, foi o que em outrora, serviu de viés, para que as mesmas pudessem em tempos de perseguição e forte ataques sobreviverem.

Com tantas variáveis religiosas no Brasil, apesar do forte e acentuado movimento cristão e toda a sorte de religiões cristãs e neopentecostais no Brasil, as religiões de matrizes africana sobrevivem, por intermédio de resistência, fé e combate a intolerância. Apesar dos sincretismos, hoje já não ter o mesmo sinônimo de antigamente, no sentido de necessidade, é o mesmo na atualidade respeitado por tradição e cultura gessada no povo brasileiro. O mais forte sincretismo, nas religiões afro brasileira, bem como afro gaúcha, é o sincretismo cristão, especificamente o sincretismo católico.

Deste falaremos, em um outro capítulo posteriormente pois, merece destaque, por ter ajudado a compor e perpetuar a resistência das religiões Negra no Brasil.



Dentre tantas nascentes das religiões afro brasileira, não podemos deixar despercebido, o nascimento da única e genuína religião brasileira, que nasce no nosso solo, sob a égide de um médium brasileiro. Esta religião que também merece destaque especial neste trabalho chama-se UMBANDA. O que nos faz lembrar da mesma neste contexto sincrético é o fato da mesma até o dia de hoje ter o sincretismo católico muito forte, com presença forte do catolicismo, em suas rezas, cânticos e altares.

Aqui, deixamos destacado que as questões de sincretismo, forma de pensamento, cultura, sejam a nível de Brasil como um todo, ou a nível local, referindo-me a regiões, estados etc. O mesmo atua fortemente, trazendo um vínculo, não uniforme nas religiões afro-brasileira, levando-a se ausentar da África, ainda que mantenha raízes, mas, cada vez mais forte sua nova roupagem, baseada, nas necessidades, cultura, costumes e leis brasileiras. Partindo desta premissa, as religiões afro brasileiras, hoje se tornaram afro-indígenas, afro cristã, a fro espírita etc...

Acreditamos que isto não as desmerecem em nada, enquanto, dogmas e ritos, ao contrário, mostra o poder na universalidade do povo brasileiro.

Em outros aspectos ou outro ponto de vista, poderemos saltar os olhos para esta difícil façanha, de reunir tantos indivíduos, de diversos pensamentos e cultura distinta em um único viés de fé. Protagoniza então as religiões de matrizes africana, um verdadeiro trabalho social e cultural, onde alarga conhecimento, desfaz as distancias e fraterniza os povos, com igualdade nas diferenças e respeito na diversidade.

### **3 A IMPORTÂNCIA DA ORALIDADE NAS RELIGIÕES DE MATRIZ AFRICANA: A CULTURA ÁGRAFA**

O culto dos orixás, o batuque afro gaúcho, é uma religião iniciativa, hierárquica e também passada de pai para filho alicerçada numa cultura, também praticamente ágrafo e embasada na transmissão oral. Fator este que ressalta a importância da oralidade, bem como a valorização do idoso nos cultos afro brasileiro. Tempo no batuque, é sinal de experiência, conhecimento, sendo assim sem medo de incorrer no erro pode-se afirmar que tempo no batuque é posto.

Segundo Chansis (2019), a cultura ágrafa, que significa a ausência de forma escrita, de símbolos gráficos, é bem acentuada, traçando as tradições orais, enquanto mecanismo de preservação histórica e objetivando garantir às novas gerações dos povos indígenas e afro-brasileiros, todo o conhecimento, cultura de seus ancestrais. Podemos imaginar que nem todo o conhecimento, está marcado em páginas de livros, enciclopédias, seja por motivações de lapsos históricos ou intencionalmente contadas de outras versões a cultura de um determinado povo. No que se refere, por exemplo aos povos tradicionais, povo de terreiro e indígenas, o conhecimento, as práticas religiosas, alguns fundamentos sim, foram preciso serem repassados através das gerações e ancestralidades para as novas gerações. Neste contexto, salienta-se a as danças, a forma de cultivo de alimentos, as rezas de nossos ancestrais que não foram grafados em livros, mas, ensinados através da prática e da oralidade. A tradição oral é muito importante e no caso dos povos de terreiro, é imaginável a essência deste conhecimento aos mais novos, garantindo a preservação da cultura e de seus fundamentos. Ressalta-se a importância não apenas de repassar as histórias, mas, de construir a identidade cultural de um povo, de uma comunidade.

**Na África, cada ancião que morre é uma biblioteca que se queima.** A frase, do malinês Amadou Hampâté Bâ, expressa a importância da transmissão oral no continente e a sensação de ouvir um sábio africano relatar suas experiências: é como se vários livros se abrissem, com uma profusão de detalhes, para dar voz às histórias e às tradições locais (HAMPATÉ BÂ, 2010).

A oralidade é no campo da memória, uma maneira de transmitir os conhecimentos, da capacidade de tornar vivo e presente uma ancestralidade, de estabelecer vínculos com as gerações antigas com os mais jovens e estes futuramente repassando para seus descendentes a cultura de seu povo.

Quando falamos em memória, em oralidade estabelecemos um elo afetivo com os mais velhos, damos a importância na vida que levaram, nas suas histórias e suas experiências, legados que deixaram de um tempo, de fatos e cultura. Já pensaram que a oralidade é uma boa maneira de valorizarmos, conhecimentos perdidos, para que a história, fundamentos não se percam, o conhecimento é passado de gerações à outra, sendo latente e vivo no coração e na memória de quem já viveu ao longo do tempo e que através das memórias contadas oralmente de geração para geração, objetiva a manutenção da existência e visibilidade destes povos, de tornar vivo a presença de seus ancestrais na vida dos mais jovens e na sociedade (CHANSIS, 2019).

Uma comunidade, um povo têm muitas maneiras de repassar seus conhecimentos, culturas para as gerações futuras. Neste artigo quero aqui registrar o quanto as memórias e lembranças da ancestralidade ou de pessoas mais velhas, são preponderantemente essenciais para as religiões de matriz africana, para as comunidades indígenas, ou seja, para os povos tradicionais, repercutindo na manutenção de sua cultura, fundamentos, ritos e tornando possível repassar às gerações mais jovens a continuidade dos preceitos, fundamentos, ritos, as experiências de um tempo, as histórias e dificuldades, com a finalidade de através das memórias, manter vivo no presente e também projetar o futuro no sentido de não deixar morrer uma história ou a própria identidade de um povo ou de uma religião.

Segundo Chansis (2019) através da memória, reconstruída através das lembranças dos mais velhos, sendo reconhecida pelas gerações mais jovens, afirma que reconhecemos e valorizamos os ancestrais como, suas riquezas e assim, fortalece uma comunidade. E a tradição oral, contada através dos mais velhos, carrega uma simbologia, que resgata cultura, seja a través das rezas, das ervas, da fé e da palavra, que é sem dúvida fortalecer a identidade e uma cultura. Nesse cenário, é incontestável o poder da palavra falada. É através da oralidade que povos constroem sua cultura, é através da palavra que um indiví-

duo se torna capaz de construir sua identidade cultural. Para além disso, o reconhecimento de uma cultura através da oralidade, tem a finalidade de contrapor a ideia de uma cultura hegemônica, que ao longo do tempo despreza outras formas de ensinamentos e aprendizagens.

### **3.1 Ancestralidades: memórias contadas, o tempo passado projetando um tempo presente para demarcar a identidade de um povo, cultura, através das lembranças e da oralidade dos ancestrais**

Segundo Chansis (2019), nas comunidades indígenas, e em especial nas religiões de matriz africana (falo por experiência própria), dar voz e escutar a memória coletiva e a história de vida de pessoas idosas, de ancestrais que viveram num tempo e momento histórico, é uma certeza da continuidade de uma cultura que é propagada e voltada para os novos, crianças, jovens e aos menos experientes, os conhecimentos vividos e adquiridos por outros. “Ser velho na religião de matriz africana, por exemplo, é posto”. São as memórias, ressignificadas, trazidas nas lembranças dos mais velhos para as gerações novas, pensar, assumir as atitudes e responsabilidades de um povo, de uma comunidade e cultura, afirmando-se e se identificando, para seguir o rito de não deixar desaparecer ou perder o sentido da cultura e suas experiências. Reforço ideia, de que estas histórias de vida de tantas gerações, serve-nos para reflexão constante do significado de cada uma e o papel que representaram e ainda, continuam representando e dando sentido à vida de tantas outras gerações que vão se somando, surgindo. Os velhos nas comunidades indígenas e nas religiões de matriz africana, por exemplo, os velhos são considerados guardiões dos conhecimentos, das tradições e das raízes que receberam cedo e que repassam para as gerações futuras. Para Chansis (2019), significado de velho, experientes, nestas comunidades são sinal de poder, de respeito. Continuando falando das religiões de matriz africana o gesto de bater cabeça (arriar aos seus pés, cumprimentar, saudar), não somente aos santos e entidades, mas, em especial aos mais velhos, é carregado de significados, quer dizer eu te res-

peito, respeito tua história, teu conhecimento, tua experiência, tuas dificuldades e acima de tudo seus ancestrais (grifo meu). Não é sinal de subserviência, mas, de entender que aquela pessoa, aquele idoso ou que tem mais experiência que o outro, precisou aprender muito, passar por intempéries, para acumular sabedoria e então, devemos reconhecer e respeitar.

Tudo que movimenta as sociedades tradicionais é permeado pela tradição oral. Em todos os seguimentos da sociedade, a palavra falada se impõe pela força da tradição e pela forte relação que o homem estabelece com a palavra. Nesse sentido podemos afirmar que a tradição oral não tem uma única finalidade tão pouco pode delimitá-la dentro de um único aspecto. Há nela múltiplas possibilidades que vão sendo ressignificado por meios de suas práticas as quais se inscrevem no cotidiano das comunidades (HAMPATÉ BÁ, 2010).

Ou seja, a fala, a oralidade cada vez mais tem um forte objetivo de levar aos mais jovens a cultura de um povo e também seus fundamentos, que em alguns casos, a única forma de repassar aos seus descendentes é através da fala, pois, dependendo dos fundamentos não são permitidos escrever ou divulgar, são segredos que ficam apenas restritos aos adeptos da religião. Ao assegurar a preservação da memória ancestral por meio de suas narrativas é possível promover uma transformação de mentalidade, pois através de narrativa os marcos civilizatórios, tais como o princípio de coletividade, a força que dá a vida, que é o Axé e também a postura de resistência de uma cultura e um povo. No momento que se transmite uma cultura, um ensinamento, se estabelece aí, os próprios vínculos familiares (família religiosa), significa e ressignifica a importância do sagrado, dos fundamentos, se estabelece uma relação social com outras comunidades, com a sociedade. As histórias de vida, das experiências são sim, tarefa dos mais velhos, dos que estão há mais tempo na religião ou nestas comunidades, seja, indígenas, quilombolas. Os mais velhos, são exemplos de sabedoria, por isso nas religiões de matriz africana, quando participam de um evento público, sempre saudamos os mais velhos: “Benção aos mais velhos, benção aos mais jovens”. Aos mais velhos, nossa deferência, pois, são os que nos passam suas vivências e aos mais jovens, cabem seguir e assegurar a continuidade de seus fundamentos e preceitos da sua cultura. Para colaborar com a perspectiva da importância aos mais velhos,

às memórias e lembranças, cito: À memória existe para que as pessoas não se esqueçam de que possuem uma história (ANTUNES, 2011, p. 46).

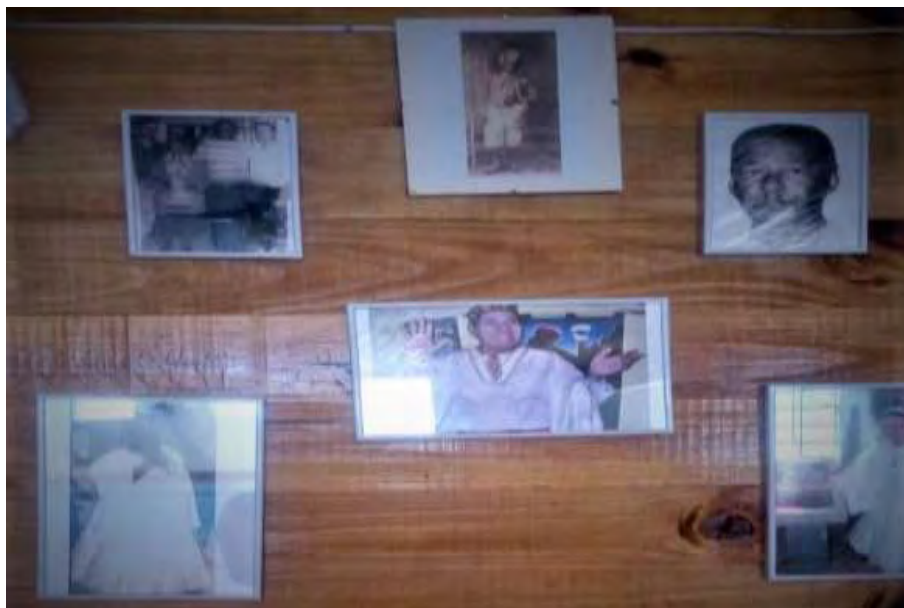
Para um povo exemplo dos indígenas, dos povos ciganos e no caso em tela dos povos tradicionais, em especial para os praticantes das religiões de matriz africana, as memórias, as histórias contadas pelos mais velhos, cruzando várias fases de ancestrais, são para lembrar aos jovens, que tudo o que sabem, tem marcas de um tempo, traçado nos rostos e nas caminhadas de muitos de nossos antepassados, na labuta de gerações e gerações para que a cultura afro e/ ou os fundamentos de uma religião se mantenha ainda viva e dignificando os que inclusive, já partiram deste plano material. Que eles se mantêm e serão eternamente presentes através de seus ensinamentos, das raízes solidificadas através da oralidade, dos ensinamentos mantidos e transmitidos por seus sucessores. Vivemos numa sociedade moderna, contemporânea que não respeita mais os mais velhos, os que viveram e contribuíram, são considerados sem função, esquecidos e até desprezados.

Para os povos tradicionais, velhice, experiência não é significado de estorvo, são considerados joias que carregam sabedoria e sapiência e que exige dos jovens profundo respeito, gratidão e consideração (CHANSIS, 2019).

Na cultura da África tradicional o passado e o presente são muito importantes, pois, o mesmo é sinônimo de um bom futuro. A perpetuação da linhagem por intermédio das continuidades da família, é entendimento do Africano, e isto o leva dar importância num contexto familiar grifando com eloquência o avô, pai e filho. Por falar em linhagem, temos no nosso batuque do Rio Grande do Sul, os ancestrais que são o início de uma tradição e cultura religiosa no Sul do Brasil, que passou seus ensinamentos as gerações do presente. No RS, o batuque iniciou com o Príncipe Custódia e até hoje, suas linhagens religiosas, dão a continuidade para alguns de seus descendentes. Veja, a foto abaixo desta sucessão de família religiosa e o início da cultura da religião de matriz africana, no RS, em especial o Batuque. Na foto na sequência parece a linhagem sucessora dos Babalorixás e Yalorixas (Pai e mãe de Santo), de uma terreira de culto Afro, de Nação de Jeje Nagô.



Imagem 1 – Ancestralidade Nação Jeje Nagô, RS



Na imagem em ordem de ancestralidade da Nação Jeje Nagô, RS e dos ancestrais do Ilê do Babalorixá, Moises de Oxala. No topo o Príncipe Custódio, depois Mãe Chininha de Xangô, Joãozinho do Exu Bi, Pai Pocho de Xangô, Mãe Carmem do Bará (viva, meu avô de Santo) e Pai Moises de Oxalá (Meu Pai de Santo e irmão biológico). Hoje, há ramificações dos braços familiares de religião, que se multiplicam com seus filhos de religião, dando continuidade as raízes dos ancestrais, através de Mae Carmem do Bará, Mãe de Santo de meu Pai de Santo, Moises de Oxalá.

Fonte: Ilê do Centro Africano de Oxalá, Reino de Oxóssi (2018).

Imagem 2 – Pai Moises de Oxalá e sua Mãe de Santo, Yalorixá, Carmem do Bará



Fonte: Acervo de Marques e Chansis (2019).

Imagem 3 – Família religiosa e biológica de Pai Moises de Oxalá



Família religiosa e sanguínea. O primeiro, In memorian, irmão Luis Antonio Marques, Mãe Catiucia de Ogum, Pai Luan de Xango, filho sanguíneo, Pai Moises e Loiva da oya, irmã e filha de santo.

Fonte: Acervo de Marques e Chansis (2019).

Imagem 4 – Pai Moises de Oxalá com suas filhas de religião e irmãs biológicas (Carmem de Oba e Loiva da Oya)



Fonte: Acervo de Marques e Chansis (2019).

Imagem 5 – Mãe Helena (Mãe biológica de Pai Moises) e Mãe de Saanto, Mãe Carmem do Bará



As raízes: Pai Moises de co oxalá m suas duas mães: No centro a mãe Biológica, Mãe Helena de Oxalá Urumilaia (*In memoriam*) e sua Mãe de Santo, Yalorixá Carmem do Bará.  
Fonte: Crédito KIZOMBA (2019).

Imagem 6 – Nadine do Bará, neta de Pai Moises de Oxalá e Nathalia de Yemanja, neta de Pai Moises de Oxala



Fontes: Acervo de Marques e Chansis (2019).



Imagem 7 – Mãe Catiucia de Ogum, com seus filhos biológicos, Kauan e Igor e seu Pai de santo Moises de Oxalá



Fonte: Cedido por Marques, 2018

Imagem 8 – Luan de Xango e Carminha de Yemanjá (*In Memoriam*), filho e prima



Fontes: Acervo de Marques e Chansis (2019).

Percebendo essa trajetória de linhagem e cultura de vários ancestrais, concordo com Hall que diz:

De fato, de que projetamos a “nós próprios” nessas identidades culturais, ao mesmo tempo que internalizamos seus significados e valores, tornando-os “parte de nós”, contribui para alinhar nossos sentimentos subjetivos com os lugares objetivos que ocupamos no mundo social e cultural (HALL, 2006, p. 02).

Realmente, Hall está correto em afirmar que somos parte de um contexto histórico, cultural e que projetamos nossas identidades para o futuro e nesse sentido quando ouvimos os mais velhos ou pessoas com mais experiência, quando eles nos contam suas histórias de vida e pensando nas religiões de matriz africana, de onde vivenciam as trajetórias de iniciações na religião, os fundamentos, as dificuldades relatadas, acredito que nestas demarcações e reflexões são para além do simples fato de nos embalar para uma viagem no passado, no “seus tempos”, onde imaginamos as cenas do que viveram, mas, de entender que foram e são partes de um contexto social, cultural e que nesta engrenagem toda, nos situamos e vivemos também nesta singularidade e ao mesmo tempo espaço coletivo de trocas e vivências.

Continuando refletindo sobre tempo, espaço, cultura, memórias e lembranças, à cada escuta que faço dos mais velhos ou dos mais experientes, às vezes fico a questionar-me: Será que para além da intenção de contar suas histórias, não há por trás destas lembranças, um forte clamor, um pedido às novas gerações de: Nos escutem, não deixem morrer nossas raízes, nossas culturas e nossos fundamentos” ou não modernizem tanto, pois, poderão matar a essência de nossa cultura, religião e de nossas próprias memórias e existência. Muitas histórias eu ouço de meus antecessores e das pessoas mais antigas, experientes na religião. Procuro ouvir com muita atenção, respeito, admiração e captar o melhor de seus ensinamentos, pois, sei que para além da aprendizagem que com certeza tiro bons proveitos, há também, consciente ou não uma preocupação de que hoje, sou eu que escuto suas histórias, mas, chegará um momento que meu presente se constituirá em passado e que aos mais novos, também gostaria de ter a atenção diante da experiência vivida. Para contribuir com a ideia de que os mais velhos trazem ao longo do tempo uma história, uma identidade e também de respeito aos seus ancestrais, registro algumas narrativas de Babalorixás e Yalorixás, que ao mesmo tempo dão significado aos ensinamentos recebidos, que fazem com que possamos refletir sobre uma nova era que os mais novos experimentam e que nem sempre conseguem avaliar a importância que seus ancestrais representam para manter uma cultura e fundamentos vivos no presente e projetando para o futuro.

Falar de ancestralidade, que em nossa religião, hoje, está difícil. Hoje em dia, falta o principal, que é o respeito aos que nos passaram Seus ensinamentos. Ancestrais são raízes. Hoje, um filho está Aqui, ora está lá. Os mais velhos tinham conhecimento, fundamento e os filhos respeitavam (Mãe Carmem do Bará, 2018).

Interessante, que se pense nisso, nesta fantástica rede de trocas e ressignificados, que as memórias, as lembranças de um tempo vivido e que à cada geração vão se repetindo os mesmos ritos, as mesmas passagens, apenas a inclusão de novos personagens, nos permitem a pensar que somos velhos e jovens que se cruzam nas suas experiências e que estas constituem e demarcam uma sociedade. Bergson (1990) e Bosi (1999), confirmam os relatos da mãe de santo Carmem do Bará. É fato que as vivências do momento presente, acontecendo a todo instante impregnam as recordações do passado com as imagens, vivências, interpretações e intensidade do momento vivido.

Com os velhos é que se pode promover a continuidade da cultura e da educação da gente adulta do presente e dos pósteros, das gerações futuras, pois permitem, em sua experiência, reviver o que já passou, como as histórias e tradições de um tempo ido, mas que permanecem, de alguma maneira, nos rastros de suas lembranças partilhadas, “pois deles ainda ficou alguma coisa em nosso hábito de sorrir, de andar. Não se deixam para trás essas coisas, como desnecessárias” (BOSI, 2003, p. 74).

Assim, conforme Bosi sim, os velhos exercem uma função essencial de buscar o passado para manter vivo o presente, através das experiências, assegurando aos mais jovens a continuidade de sua existência e de seus ensinamentos. Os mais velhos, os ancestrais são tesouros que tem são admirados e respeitados por todos, pois, são nossos elos que unem várias gerações e nos permitem dar continuidade de ensinamentos a cultura, a religião, a identidade e a memória de nossos antepassados queridos: A função da pessoa idosa seria a de lembrar e aconselhar, unir o começo e o fim, ligando o que foi com o porvir (BOSI, 2012).



De fato, concordamos com Bosi, nas religiões de matriz africana ou nos povos tradicionais, os mais velhos ocupam esta tarefa singular de aconselhamento, de trazer da memória, da ancestralidade de quem viveu e tem muita experiência, um novo ressignificado, a esperança de que é preciso demarcar neste novo tempo, a identidade de seu povo. Quem colabora com a mesma reflexão de Bosi, é Bobbio, que reforça a ideia e dá significado às memórias de nossos ancestrais e das pessoas idosas, quanto ao fantástico patrimônio que carrega, de suas riquezas e da imaginável possibilidade que temos de aprender com eles e pensar nossa própria existência.

Quando os mais velhos contam suas histórias, relatam suas trajetórias sejam na sua vida pessoal, profissional ou até mesmo dentro de um espaço da comunidade, numa igreja, templo ou no terreiro, as pessoas idosas e ao mesmo tempo os ouvintes, permitem que ambos façam uma volta, uma ida e volta, no tempo histórico, comparando o que viveram, o que é hoje, no presente, o que mudou ou até mesmo o que é necessário, manter e para os povos chamados tradicionais e comum recorte especial, aos povos de terreiros, os mais velhos são parte essencial da sociedade, suas histórias contadas oralmente aos mais jovens, as novas gerações são tratadas como ensinamentos, arquivos vivos de uma ancestralidade, que alguns não existem no plano material, mas, que são presentes e reverenciados sempre. Escutar as narrativas dos mais velhos é uma aprendizagem permanente e um olhar sensível para às memórias que ressignificam um tempo vivido e a preocupação em dar continuidade a cultura, os fundamentos, as raízes de seu povo. Esta preocupação é revelada na fala, abaixo da Yalorixá Katy do Bará.

Eu sou de um tempo em que até um filho estar pronto, o quarto de Santo, era díganos, assim, um mistério, uma porta a ser aberta através das Obrigações. Onde se entrava se fosse pronto e com a permissão de seu Pai de Santo (Yalorixá, Katy de Bará).

Cada história, cada relato, geração que vai se acrescentando, são imbuídas de serem os próximos guardiões dos conhecimentos, dos fundamentos e de sagrados que deverão, assim, continuar a história, que nunca terá fim, pois, cada um terá a missão nobre de dar continuidade ao que aprendeu com seus ancestrais,

através de seus ensinamentos, dando aos mais velhos significados especial e dotado de muito respeito, por tudo o que representa. São valorados na comunidade, são sinônimo de conhecimento, História e experiência a ser passado do avô para o pai, do pai para o filho. Este seguimento ético e moral com o ancião, acaba por costume perpassando os barracões do candomblé e os terreiros afro gaúcho, dos povos indígenas, fazendo com que seus adeptos levem este ensinamento para sua vida social fora do terreiro trazendo assim contribuição social, enquanto cidadão brasileiro e ser social e humano. Se o ancião é a certeza da manutenção do axé e a cultura, da identidade de um povo.

Continuando as narrativas, há também a reflexão do sentido da formação cidadã, que ultrapassa as experiências de fundamento de religião, mas, que remete para uma aprendizagem de vida, da relação com a coletividade e cuidado com o outro, a partir da convivência na comunidade de religião de matriz africana.

Respeito, é tudo. Fundamento é raiz. Aprender com os mais velhos e novos, ajudou-me a melhorar, como homem, melhora minha personalidade e em tudo na vida. Aprendi na religião, estes princípios com os mais velhos (Babalorixá Betoni de Oxalá, 2018).

Também a Mãe Carmem da Obá, registra o respeito como fundamental.

O respeito sempre com as pessoas mais antigas, que tem tempo de bacia. Diz: Axé deve ser respeitado, não se inventa fundamento, não se moderniza.

Estas narrativas dos pais e mães de Santos, está associado no sentido de tempo, que é histórico, cultural, representa um espaço que é dotado de simbologia cheio de emoções e intensidade. São narrativas, que tem cheiro, que tem cor, que tem sabor, que tem som, que tem magia, tem lugares e pessoas. Salientamos a importância das memórias, lembranças dos mais velhos no contexto das culturas dos povos tradicionais, onde, a cultura ágrafa é a bela maneira de resgatar a história de um povo, de um tempo, rendendo nossos respeitos aos mais velhos, saudando, assim: Sempre “Benção aos mais Velhos”.

## 4 O SINCRETISMO

### Imagem 9 – Sincretismo



Fonte: Goglee 2019

Obviamente, que aqui estamos tratando do sincretismo Religioso, que podemos conceituar baseado em conceitos do dicionário que sincretismo é fusão de diferentes cultos ou doutrinas religiosas, com reinterpretação de seus elementos. Este fenômeno social, está intrinsicamente ligado a heterogenia das culturas e tradição de um povo. Quando grupos, indivíduos e cultura distinta se agrupam, entram em contato, e passam ter a necessidade de comunicação, nasce, então um processo de adaptação. Este processo, é a forma mais tranquila de aceitação ou adaptação de uma cultura distinta, seja social, cultural ou religiosa. Esta absolvição, foi o que aconteceu com as religiões de matrizes africana no Brasil. Ora, por necessidade, por ocasião da perseguição, ora por costume e tradição.

### 4.1 O sincretismo nas religiões afro brasileira

Sabemos que as religiões negras no Brasil, foi fortemente perseguida e combatida, não só em tempos da escravidão, bem como pós escravidão. A abolição da escravatura, não termina com perseguição do povo negro, e ou suas crenças, fé e religião. O estigma da escravidão, estava tatuado não só na pele, mas também nas crenças em seus costumes, em sua alma.

Mas a fé para o povo de além-mar, era algo muito mais que dogmático era uma questão de identidade, e precisava ser mantida de alguma forma sua história, sua fé e sua religião, pois, esta, trazia de alguma maneira a África para junto de si.

Proibidos e perseguidos, quiçá já cansados de guerra, achou o povo negro uma forma de burlar os senhores de engenho, seus feitores, e posteriormente a própria lei e as autoridades policiais da época. Burlaram também a própria igreja católica, que por intermédios de seus representantes, autoridades cristãs religiosas, tentavam converter o negro ao cristianismo. Converter o negro ao catolicismo, implicava muito mais que forçar a aceitação a umas novas crenças, pois, o negro ao ser convertido, era batizado, o que o levava a perder seu nome de origem africana, recebendo um nome de origem cristã, escolhido pela igreja e ou seus senhores. É por esta razão que a maioria dos negros passaram a ser apenas mais um João ou maria nos solos brasileiros, sem desmerecer o nome, mas aqui faço referência a questão de identidade, já que cada nome, sobrenome do africano estava atrelado a sua origem, status e ou descendência.

O sincretismo, segundo a visão e que concordamos também, foi utilizada pelos negros e negras para escapar da cultura de violência simbólica que eram submetidos, pelos senhores e pela imposição da religião cristã.

Então o Negro fingindo estar convertido, e transformado em cristão, precisava seguir cultuando suas divindades, precisa seguir rezando para seus inkinces, vodons e ou orixás. Neste sentido, resolve o Negro a colocar em seus altares os santos católicos. Em prateleiras, e ou outros tipos de acomodações semelhantes estavam oculto seus deuses, seus assentamentos, fetiches insígnias etc.

Na parte superior e de forma explicita, apresentavam a exposição de imagens católica, como São Jorge, Santo Antônio, São Gerônimo, São Sebastião, Nossa Senhora Da Conceição, Nossa senhora Dos Navegantes, Virgem Maria, Santa Catarina, Santa Bárbara, São Pedro, São Cosme e São Damião, São Lázaro, São Roque, São Cristóvão, Santa Lucia, Santa Luzia, Divino Espirito Santo (a pomba branca), Senhor Do Bom fim, Nosso Senhor Jesus Cristo, Menino Jesus de Praga, Cristo Rei, Crucifixo, Senhor dos Bons Passos. Santa Bernadete,

Nossa senhora Aparecida, Nossa senhora das graças, entre outros. Enfrente estas imagens eram acesas suas velas, feitas suas rezas, dedicadas a seus santos africanos. Dizem que com o passar do tempo o negro também adquiriu a fé nos santos católicos, passando também a rezar para eles, entretanto sem se afastar de sua fé e crença em seus orixás. Quiçá, neste momento, estaria nascendo as primeiras conotações a expressão afro cristã brasileira.

Na atualidade, correntes de religiosos, defendem o processo de dessincretização afro brasileira, uma espécie de luta a volta de suas origens religiosas. Outras, defendem o respeito pela sincretização, no sentido de elas terem propiciado a co - existência dos cultos afro- brasileiros até a atualidade.

Polêmicas aparte, sem entrar no mérito da questão, o certo que as religiões de matriz africana, continuam com o acentuado traço da sincretização, que perpassa, as questões de imagens de santo católico, mesclando inclusive nos costumes católicos que foram fundidos aos costumes da ideologia e fundamento afro brasileiro.

Não é incomum, os terreiros de batuque, candomblé e outros, fazerem abstinências em seus cultos que na verdade são fragrantemente atos dos catolicismos. Respeitam semana santa, alguns até deixam de comer carne. Deixam de fazer obrigação na quaresma, sem falar nos assentamentos dos deuses africanos que ganharam, ferramentas e símbolos que mais tem a ver com o santo católico do que mesmo com o orixá africano.

É o fenômeno da sincretização presente no povo, no indivíduo, e nos próprios ritos. Em alusão a estes fenômenos podemos também destacar as datas festivas dos orixás que dividem o calendário com os santos católicos, por exemplo, Yemanjá concorre com a data de Nossa senhora dos navegantes.

É em função dos sincretismos que na atualidade, os terreiros de matriz africana, trabalham sob a égide de duas datas sacras e festivas em seus ritos e homenagem a seus orixás. Sobre estas datas para título de esclarecimento as denominaremos datas festivas de tradição e datas festivas de Fundamento. Desta forma traçaremos aqui uma linha de entendimento e compreensão, do calendário festivo afro brasileiro e ou afro gaúcho.

## **4.2 Datas festivas nos cultos de matriz africana por tradição**

Estas, nasceram com a sincretização dos santos católico, fazendo com que os cultos afro brasileiros celebrem junto com os santos católicos a festas de seus orixás conforme adaptação e ou agregação de semelhança dos mesmos.

Partindo desta premissa, yemanjá, sincretizada a Nossa Senhora dos Navegantes terá de forma genérica suas festas feitas no dia 2 de fevereiro. No mesmo exemplo podemos citar o dia 23 de abril, em que a igreja católica comemora o dia de São Jorge, e que a maioria dos cultos afro brasileiro, festejam a data do pai Ogum. Seguindo a este exemplo temos 25 de dezembro a Festa Do Pai Oxalá, 8 de dezembro a Festa Da Mãe Oxum, 20 de janeiro a Festa de Oxóssi, entre outras, todas seguindo e acompanhando o calendário dos dias votivos dos santos católicos. Isto tudo por tradição e respeito a esta crença que de alguma forma serviu de pano de fundo para a conservação da doutrina e costume das religiões Afro no Brasil.

No dia 27 de setembro em alusão ao dia de São Cosme e São Damião, é feita uma das mais belas festas nos terreiros de religião de matriz africana, dedicada as crianças, com doces, guloseimas, bolos etc.

Desta forma os orixás Ibeiji, das religiões afro-brasileiras, bem como os caboclinhos meninos, da umbanda são festejados, compartilhando a data de Cosme e Damiao da Igreja Católica.

## **4.3 Datas festivas nos cultos de matriz africana por fundamento**

Apesar, das datas de tradição, e dos festejos dos santos africano, junto com os santos católicos, não deixam os terreiros de festejar seus santos em suas verdadeiras datas, que variam dependendo do dia em que foram feitos, assentados ou fundamentados. Digamos assim, que esta data teria uma maior importância dentro da liturgia de um determinado terreiro. Pois, esta representa a passagem de um marco na vida espiritual do indivíduo adepto das religiões afro brasileira.



A data de fundamento é o elo do indivíduo/ filho com seu orixá, seu sagrado, que os une e é sua energia da vida.

Essa ideia é reforçada nas palavras de Norton Corrêa (2006, p. 97-98), que diz que: É um pacto místico entre indivíduo/ orixá precisa ser renovado de tempos em tempos. Ou seja, os afro-religiosos ciclicamente reforçam seu aprontamento.

Ali, demarca muitas vezes sua iniciação, e ou o nascimento de seu orixá, nascimento este que tem o significado de fundamento, assentamento. Então, digamos para entendimento, que hipoteticamente um orixá Ogum, tenha sido assentado em um dia 10 de junho, terá ele o dia dez de junho sua data de fundamento e 23 de abril por sincretização a São Jorge sua data de tradição. E assim passaria com todos os demais orixás que teriam datas comemorativa a sua feitura, e estas seriam a data de fundamento somado a datas festivas de forma geral por conta da sincretização e estas seriam sua data de tradição.

Fenômeno estes que fazem com que na maioria dos terreiros consagrem duas festas no ano para seus orixás. Uma por tradição (Respeito a Sincretização) e outra por fundamento (Respeito ao assentamento e fundamento de seu orixá). Isto é comum e corrente em todo o Brasil e especialmente nos batuques afro-gaúcho, independente da nação professada.

## 4.4 Alguns exemplos de sincretizações

Imagem 10 – Sincretizações



Fonte: Elaborada por Chansis (2019).

Além, destes, tantos outros santos católicos foram sincretizados a nossos orixás, dependendo do estado e ou conhecimento dos mesmos, foram adaptando estes elementos católicos aos santos africanos.

É possível que alguma variação seja encontrada, na relação dos santos sincretizados, as vezes mudando a sincretização conforme o estado. A exemplo disto, diferente do estado gaúcho, a Bahia sincretiza São Jorge a oxossi, e não a ogum.

Demonstrada a sincretização, cabe aqui salientar, que ao contrário que muitos populares falavam, as religiões de matriz africana, tem o perfeito conhecimento de seus cultos, e a sincretização é apenas um respeito a uma antiga e necessária

realidade de outros tempos para seguirem professando sua fé. Entretanto sabe-se que **Santo africano é Santo africano e que Santo católico é Santo católico.**

Ainda falando de sincretização, sem entrar nos méritos dos cultos, mas só a título de esclarecimento, e demonstração da força da sincretização nos cultos afro brasileiro, mostro aqui algumas manifestações da sincretização nos próprios assentamentos dos santos africanos, que são feitos naturalmente e sem questionamento, pois está a tantos anos agregados a ritualísticas que os mais novos usam e nem mesmo questionam. Muitos elementos que mais tem a ver com o catolicismo do que mesmo com os santos africanos, exemplo abaixo no quadro:

Balança com pé e balança sem pé (A com pé, base, é para Xangô Agodô e a sem base é para aganju (esta última faz referência a São Miguel Arcanjo, que carrega uma balança na mão)
Ogum no Brasil, ganhou uma espada, uma lança, referência a São Jorge, soldado romano que tinha espada e lança, uma vez que na África OGUM tinha mesmo era um facão.
O Bará, por ser orixá ligado a aberturas, senhor dos caminhos, ganhou aqui por interpretação brasileira e até por questões culturais, as chaves. Na atualidade no Brasil, o principal símbolo do bará é a chave, uma alusão a São Pedro, e também para substituir o verdadeiro símbolo de abertura do Bará na África que é um falo eréto. Óbvio que por questões culturais e ética cristã, este símbolo não seria bem visto no Brasil, ainda mais em tempos de perseguição.
Seguindo esta reestruturação, ossanha ganhou bisturi, por estar ligado a medicina, cura e cirurgia, mas na África ele era apenas o conhecedor das folhas, da cura pelas ervas etc.
Outro exemplo é Oxalá, que ganhou a cruz do cristianismo, como símbolo da fé, notável presença do sincretismo a Jesus Cristo.
Oyá, no Brasil, por ser considerada um orixá ligado a união e a paixões, ganhou alianças, telha, por ser considerada dona do teto.
Mas na África, oyá dominava os mortos, guerreava, manipulava os raios e os ventos com seu erusum. Era a mulher búfalo, forte e audaciosa.
Xapanã no Brasil, por estar ligado a limpeza, ganhou uma vassoura, e até mesmo rastilhos, objetos estes que fazem alusão a seu status de orixá que limpa, descarrega, na África, entretanto Xapanã, ou obaluaie, era O senhor da terra, Rei da terra, guerreiro que poderia infestar o reino com as chagas, doenças de pele e ou tinha o poder de curar.

Yemanjá no Brasil ganhou Barco, ganhou ancora, a final aqui no Brasil ela é a protetora dos marinheiros, e tudo que está relacionado ao mar e a pesca, pertence a ela. O barco também está ligado a necessidade, que antes tinham os seus adoradores de levar seus presentes em alto mar, para que não ficassem a origem da praia. Na África yemanjá aparece com seu abebê, espelho de latão e sabre na mão.

Xangô no Brasil ganhou livro, caneta, a final é orixá da justiça, protetor dos advogados, precisava destes símbolos para ser lembrado e cultuado, entretanto na África Xangô se apresenta com seu Oxé, machado duplo, representando o poder e a justiça, lá nem a balança está na mão de xangô.

Fonte: Elaborado pelos Autores (2019).

Nada disto é explanado aqui como crítica ou conotação negativa em hipótese alguma. Tem, estas simples explicações o intuito de demonstrar o sincretismo religioso e social, o que comprova a reestruturação das religiões de matrizes africanas, colocando-a como verdadeira religião afro brasileira, que conserva bases da cultura africana, entretanto, agregou elementos segundo a consciência e cultura do Brasil.

Esta reestruturação, em nada desmerece os cultos afro brasileiro, ao contrário, elucida a beleza cultural, a força e resistência, a sobrevivência em meio a tantas lutas e intolerância que perpassam os anos até a idades contemporâneas.

O Negro aqui conheceu os santos católicos, conheceu o cristianismo, e certas agregações são processos sociais normais dentro de um grupo e ou uma sociedade. Nós brasileiros também nos rendemos a cultura do negro, não só a sua crença, em como também a sua arte, sua música e sua dança. Aprendemos a cozinhar o que o negro cozinhava, comer os doces que o negro comia, e por fim acreditar nos Orixás que o negro acreditava. Este processo de miscigenação cultural vem com o passar dos tempos de forma natural, adaptamos nossas crenças assim como negro também adaptou. As transformações são de ambas as partes e apesar dos radicais e fundamentalistas, não podemos negar a influência do negro no nosso país.

As religiões de matriz africana têm este aspecto positivo, não proselitista, aberta no que diz respeito a receber as pessoas, independente de crença, razão social, condição sexual, gênero, raça. Todos são bem recebidos, adeptos ou não, comungam de suas festas, de seus repastos comunais, comem de nossos axés participam de nossas festas, pelos simples fatos de serem humanos e estarem ali naquele momento. Quiçá alguém que chegue a primeira vez em um terreiro não volte nunca mais, ou não deixe de voltar, e ali esteja sempre desde então, mas para o povo de terreiro o que importa que neste dia está ali, e será bem tratado, respeitado e auxiliado se assim precisar.

A religiões de matrizes africana, diferem das demais religiões que apresentam uma hierarquia vertical, ela apesar de hierárquica tem como característica uma hierarquia horizontal. Não é baseada em livros sagrados, não é estruturada sob a égide de uma autoridade superior que a codificassem e todos dela partissem. As religiões de matriz africana quando fala de hierarquia espiritual, refere-se apenas ao chefe do terreiro, ao sacerdote daqueles terreiros, e apesar dos membros, conservar suas raízes ritualísticas advindas de um sacerdote ou nação, uma estrutura seu terreiro com suas normas e leis próprias, pairando a hierarquia apenas nos ritos e fundamentos da bacia de onde vieram.

Noutras palavras não existe uma uniformidade nos cultos de uma maneira geral, e os mesmos se desenvolvem de maneira autônoma e livre, ainda que visivelmente é o respeito pelas linhagens familiares do tipo avô, pai e irmão de religião.

Outro aspecto positivo das religiões de matrizes africana, é que o povo de terreiro, acaba por si só, sendo um guardião e mantenedor da cultura afro no Brasil, mantendo viva as receitas e a culinária afro, por intermédio das oferendas e comidas usadas nos batuques e até mesmo nas oferendas dos orixás.

Também não deixa se perder as palavras e expressões africana, e a forte influência do yorubá, que são usadas nas falas internas dos terreiros principalmente do candomblé, e nos cânticos das rezas dos orixás nas religiões de matriz africana de maneira geral. Aspecto também positivo das religiões afro brasileira, se estabelece na importância que o povo de terreiro dedica ao idoso.

O ancião é valorado e respeitado dentro das religiões afro brasileira bem como das ramificações de religião afro gaúcha. O mesmo é sinônimo de conhecimento, história e experiência a ser passado de do avô para o pai, do pai para o filho. Este seguimento ético e moral com o ancião, acaba por costume perpassando os barracões do candomblé e os terreiros afro gaúcho, fazendo com que seus adeptos levem este ensinamento para sua vida social fora do terreiro trazendo assim uma contribuição social, enquanto cidadão brasileiro e ser social e humano.

Se o ancião é a certeza da manutenção do axé e a cultura, a criança por sua vez cumpre um papel de suma importância nos cultos afro gaúcho, eis que eles representam a esperança, a continuidade do axé. São eles os herdeiros do axé, os que continuarão em tempos vindouro contando a história, professando a fé e garantindo a continuidade da linhagem espiritual professada. Aqui destaco a importância e o respeito que damos as nossas crianças.

Outro fator de contribuição social que destaco é o fato de que quando nascemos para os ritos afro brasileiros, não só nos tornamos iniciados dos cultos afro brasileiro, mas sim assumimos e renascemos em umas novas identidades, precisamos assumir a negritude, não podemos professar ou nos apossar de uma cultura que não a valoramos, defendemos ou conhecemos.

Ser de religião de matriz africana perpassa a realidade de cultuar orixá, nos leva a muitas vezes assumir os estigmas do negro, a identificação com o elemento negro, vem de dentro para fora, nos identificamos de cor e alma, com o negro, suas necessidades, suas sagas e aspirações. O preconceito é totalmente combatido, e brancos e negros tem uma mesma causa. Não somos mais brancos professando religião de negro, somos irmãos de fé, de luta e de esperança unidos por um elo muito mais forte que a cor ou descendência, estamos unidos pela fé e religiosidade, o que nos torna iguais, apesar das diferenças.

Os cultos de matriz africana enquanto religião, para ser entendido, e poder acompanhar sua história e transformação, é preciso que tenhamos um olhar amplo e desprovido de radicalismos, eis que a tradição africana em um primeiro momento pelo advento da cultura da África, está presa a complexos culturais muito



antigo, que se atracaram no ocidente e principalmente nas américas com outros costumes, muitas vezes com forma e vozes antagônicas vivenciadas pelos negros em seu país de origem.

Aqui, forçosamente tiveram que protagonizar rupturas, repensar sua forma de ver as coisas e tentar se expressar por intermédio de uma nova realidade. Tiveram os negros em todos os aspectos e principalmente no tocante religioso, reciclar valores, reconceituar, e muitas vezes se despirem de valores arraigados pela tradição. Apesar de terem como base os valores que manifestavam em forma de produzir os bens materiais, bem como os espirituais, teve o negro que adaptar sua história no meio ambiente onde agora estavam vivendo.

Na cultura da África tradicional o passado e o presente são muito importantes, pois, o mesmo é sinônimo de um bom futuro. A perpetuação da linhagem por intermédio das continuidades da família, é entendimento do Africano, e isto o leva dar importância num contexto familiar grifando com eloquência o avô, pai e filho.

Este aspecto cultural da África chega no Brasil, na essência do negro, o que é também manifestado na conjectura e filosofia religiosa, por intermédio de seus cultos e sua estruturação sacerdotal, onde nitidamente refere-se a família. Exemplo que se clarifica em sua denominação de pai, mãe filho, avô de santo. Outra referência da importância familiar advinda do negro são as expressões usadas no dia a dia do povo de terreiro, tais como: família de axé, família jêje-nago, família ijexá, entre outros presentes até o dia de hoje nos terreiros de matrizes africana.

As religiões de matrizes africana no Brasil, passou por várias metamorfoses, desde a necessidade dos sincretismos que a força a adaptação, em como o branqueamento das raízes africana, onde o branco passa fazer parte destes ritos e costumes antes só por negros professados.

Também necessário se faz entender que arrancados da África aqui o negro teve que manter unidades com indivíduos, que lá não mantiam, mas aqui o que mais lhe aproximavam da ÁFRICA, eram seus irmãos africanos nem tão irmãos

assim, pois viviam em países diferentes e longínquos, com cultura, dialeto e história diferenciadas.

Não podemos esquecer que **ÁFRICA** é um continente e não um país e que sua cultura é tão diversa como diverso são todos os seus países. Um continente tido como o mais antigo no que se diz respeito a sua existência milenar, a cultura africana é sempre estudada e como de fato é uma cultura plural, pluralidade esta que se manifesta na sua fé e religiosidade.

Estudos baseados na Arqueologia, aponta a África, o território mais antigo habitado, no planeta. Tem ele uma mescla ou fusão de milhares de línguas, idiomas etc.

Imaginem, os senhores, partindo dessas premissas, como poderia ser uniforme as religiões de matrizes africana no Brasil? Não existe esta possibilidade, assim como tampouco poderia existir pureza nos ritos afro brasileiros, com toda esta reunião de diversidade cultural da África aqui no Brasil. O Brasil é multifacetado, plurirracial e multicultural tanto quanto suas religiões de matriz africana. Quando tentamos entender as religiões tradicionais da África, notamos que por acreditar nas forças naturais, e divinizar a natureza, bem como animais, arvores, pedras etc., tem um viés muito forte no animismo.

Boa parte dos africanos, acreditam nas forças e reverenciam os espíritos das árvores, aceitam a existência e o poder do desconhecido, a exemplo de todo o povo animista. Aqui, cabe salientar a origem do akutá, como energia e morada dos orixás, como força agregadora da espiritualidade e energia do santo africano.

O culto dos orixás envolve, várias crenças e formas de conceituação, tão desuniforme lá, quanto aqui. Se as religiões tradicionais da África, em seu território original, não têm uniformidade, e apresentam crenças e concepções variadas, óbvio que aqui no Brasil, esta não uniformidade tende a ser acentuada.

## **5 NASCIMENTO DA UMBANDA NO BRASIL (PROCESSO DE BRANQUEAMENTO NOS CULTOS AFRO BRASILEIRO)**

Imagem 11 – Congá do Centro Africano Pai Oxalá e Reino de Oxossi



Fonte: Acervo de Marques e Chansis (2019).

Quando falamos de um processo de branqueamento que sofre as religiões de matrizes africana no Brasil, além da chegada do branco nas religiões de matrizes africana, temos o evento do nascimento da Umbanda, que apesar de diferenciar do Candomblé e do Batuque, afro gaúcho, ela adentra o espaço desses terreiros, junto com seus dogmas e rituais ,marcando uma nova era, com suas ritualísticas mística sincrética e com o peso de ser uma religião Brasileira, uma vez que o nosso País, é o genuíno berço do nascimento. Apesar de trazer, traços de várias crenças, inclusive das religiões de matriz africana, a nova religião é criada e fundada por Branco, atraindo vários adeptos se ramificando por todos os estados brasileiros.

Ainda, que com traços bem definidos, que a diferencia do batuque, candomblé etc., a mesma passou dividir o culto com sacerdotes afro, eis que os mes-

mos aderiram a nova religião, sem se desfazerem dos ritos afro brasileiros. Na atualidade, processam o culto dos orixás e a Umbanda de forma tão natural, que leigos chegam a pensar que toda a liturgia é uma só.

A Umbanda, apesar de não ser propriamente dito uma religião de negros, tem sua importância neste cenário de cultura e religião afro-brasileira. Em um primeiro momento por ser considerada e assim o é a única religião genuinamente brasileira e em um segundo plano, por trazer em seus ritos, sincretização forte com as religiões de matrizes africanas, inclusive dando a seus guias espirituais o nome de Orixá, e denominando com os mesmos nomes dos deuses da África.

Então, resumindo é necessário, entender que Umbanda, batuque são religiões diferentes, a primeira tem origem na África e a segunda tem origem no Brasil.

O batuque, o Candomblé, faz parte de religiões africanas que remontam as datas de sua existência, e que ao chegarem junto com a negro no Brasil, passam a serem professadas por africanos e brasileiros. Entretanto já existiam, e sua existência ou tempo se perdem no tempo. Já a Umbanda nasce no Brasil, lá pelos anos de 1917, com fortes traços de sincretização, e se alicerçando em várias outras crenças, como catolicismos, espiritismos, religiões indígenas, africanismo, budismos, entre outros.

Em época de perseguição aos cultos afro-brasileiros Umbanda nasce como uma alternativa, quiçá necessária naquele momento.

Com o nascimento da Umbanda e com o pseudo branqueamento da religião de igual teor de fetichismos, são atraídos indivíduos de todas as classes sociais, raças, o que tenderia então, aplacar um pouco a perseguição, e a intolerância. Com aparência cristã, viés espírita, roupagem africana, filosofias orientais e dogmas indígenas a nova religião conquista novas camadas e novos pensamentos. Umbanda, com ideologia própria, dogmas e ritos independentes, com filosofia bem definida, assume enquanto religião, a responsabilidade de ser a única religião brasileira.

Como toda e qualquer outra religião de matriz africana, a umbanda apesar de brasileira, também passa por transformações com o passar do tempo, sendo

hoje divididas em vários entendimentos, desde a então progenitora das demais a “umbanda branca” até suas condescendentes existente na contemporaneidade, como umbanda cruzada, umbanda universal, umbanda exotérica entre outras novas roupagens. A umbanda é fundada no Rio de Janeiro, especificamente em Niterói. A partir de sua cidade e estado de origem, a mesma vai se ramificando por todo o país, ganhando adeptos, novas interpretações novas roupagens.

## **5.1 História da fundação da Umbanda: do conceito a sua formação**

Imagem 12 – **Bandeira da Umbanda**



Fonte: Goglee 2019

Como conceito de Umbanda, pode-se dizer que a mesma é uma mistura de crença, onde soma elementos de religiões distintas, como o espiritismo, catolicismo, indígena e africanismo. Neste sentido, citamos a prece, o passe, como elemento espírita, o ato de incensar, defumar e as próprias imagens de santo, como elemento católico, cânticos, imagens e invocação de caboclos elucidam a influência indígena, bem como roupas, guias, oferendas e posteriormente o tambor como manifestação do elemento africano. A umbanda nasce no final do século XIX início do século XX.

Conta a história que no ano de 1908, já no final, uma tradicional família que vivia em Neves, acerca de Niterói (RJ), é surpreendida com eventos ditos



sobrenaturais, para aqueles tempos, que acometiam e ou atacavam o jovem Zélio Fernandino de Moraes. Nesta época o jovem tinha 17 anos de idade, teria ele nascido no ano de 1891. Estando já por ingressar na Marinha como aluno oficial é obstado por causa de estranhos “ataques”.

Segundo história o mesmo, quando acometido por estes ditos ataques, tinha postura de uma pessoa velha, falava coisas desconexas, para sua realidade, pois, o mesmo falava sobre coisas como se as tivesse vivido em outras épocas. Este estado “sobrenatural”, não cessava, ou contrário foi se agravando, o que levou a família já em desespero procurar seu tio, que era médico diretor do hospício Vargem Grande. O tio de Zélio, Dr Epaminondas de Moraes, que era médico da família, examinou o jovem e o analisou por vários dias, dando alta a família, dizendo que nada do que já havia estudado na ciência identificava ou correspondia com a loucura que manifestada no sobrinho, aconselhando ainda que era melhor procurarem um padre.

Acreditando, tratar-se de possessão demoníaca, resolveram então levar o rapaz a um padre, que também era tio do jovem. O sacerdote, tentou um exorcismo, que não logrou sucesso. Os ataques seguiram com frequência, até que Zélio foi acometido de uma paralisia, que assim o manteve por algum tempo, questão de dias.

A família, já sem saber o que fazer, acaba por atender ao conselho de conhecidos, que os advertiam, que aquilo era coisa de espiritismo, e que deveriam levar o mesmo a um centro espírita conhecido e renomado como Federação Espírita de Niterói, cidade próxima de Neves onde residia a família. Antes disto Zélio, de repente, levantou-se da cama completamente curado da paralisia, o que mais intrigava a família.

Resolvendo a recorrer a tal federação, o rapaz é levado ao dito centro que era dirigido pelo senhor José de Souza, chegando lá, Zélio foi convidado a participar da Sessão, onde fez parte da mesa. Zélio no decorrer da sessão tomado por uma forte vontade, que o mesmo não o controlava, levantou e disse: “Aqui **está faltando uma flor**”, imediatamente saiu da sala entrou em um jardim, e logo



retornou com uma flor que a colocou no centro da mesa. Esta atitude, causou espanto a todos, alvoroços e contrariedade, até porque simultaneamente o este fato, houve várias manifestações de espíritos estranhos aquela sessão, como caboclos e preto velhos.

Obviamente, que estes espíritos foram severamente repreendidos, e advertidos de seu atraso espiritual, sendo convidados a imediatamente se retirarem, pois, não eram bem-vindos aquele local, que costumavam receber a manifestações de médicos, doutores, pensadores etc. Zélio, como que alheio a tudo isto, volta a ser tomado novamente por uma força estranha, que o dominava.

Desta vez tomado por um espírito já sem vontade própria, Zélio passa ser apenas um aparelho, para o espírito que por intermédio dele falou: **“Porque repelem a presença dos espíritos de caboclo e preto velhos, se nem sequer, ouvir sua mensagem? Seria por causa de suas origens, cor ou condição social?** Todos que ali estavam, tentaram rebater, e trazer à tona doutrinas e debates explicativos que não resultou em nenhum entendimento do então espírito.

Um médium, que estava presente e tinha dons de clarividência, percebendo a luz do espírito, o interrogou, perguntando se a entidade poderia se identificar dizendo qual era seu nome. O que imediatamente a entidade, respondeu por intermédio do corpo mediúnico de Zélio. **“Se querem um nome, que seja este, eu sou o caboclo das sete encruzilhadas, porque, para mim, não haverá caminhos fechados.**

O médium vidente, contesta o caboclo dizendo que o mesmo se manifesta como índio, entretanto, ele o vê com vestes sacerdotais.

A entidade então explica que o que o médium vê, são reflexos de outras encarnações onde teria ele sido frade, e que seu nome em então encarnação teria sido Gabriel Malagrida, que teria ele em tal encarnação sido queimado em fogueira da inquisição, em Lisboa, no ano de 1761. Explicou ainda que em sua última encarnação com a graça de Deus, teria ele vivido como um Índio brasileiro.

Ainda, no corpo do mediu a entidade explicou que vinha cumprir uma missão, missão esta vinda do astral, que era de fixar um culto, onde todos os espíri-

tos poderiam participar e dar mensagens. Todos os espíritos serão bem-vindos, índios e preto velhos, poderão executar determinações do plano espiritual. Ainda antes de finalizar seu discurso doutrinário, disse que no dia 16 de novembro de 1908, voltaria a casa do médium, às 20 horas e fundaria um templo e uma nova religião, onde falaria de igualdade para todos encarnados e desencarnados. E já finalizando disse como última mensagem: **“levarei daqui uma semente, e vou plantá-la nas neves, onde a transformará em árvore frondosa”**.

Nesta espécie de interrogatório, travado entre o caboclo sete encruzilhadas e o médium vidente, muitas perguntas foram feitas a entidade, perguntas como: será que o caboclo, não achava que já bastava as religiões já existente, como o espiritismo etc.? O que fez com que o caboclo respondesse: **“Deus em sua infinita bondade, estabeleceu na morte o grande nivelador universal, rico ou pobre, poderoso ou humilde, todos se tornariam igual pela morte, mas, vocês homens preconceituosos, não contentes em estabelecer diferenças entre os vivos, procuram levar essas mesmas diferenças até mesmo além da barreira da morte, porque não poderiam nos visitar esses humildes trabalhadores do espaço, se apesar de não haverem sido pessoas socialmente importantes na terra, também trazem importantes mensagens do além?”**

O vidente ainda não conforme, antes da entidade se retirar o interroga pela última vez, com uma certa prepotência: Pensa o irmão que alguém irá assistir seu Culto? “Cada colina de Niterói atuará como porta voz anunciando o culto que amanhã iniciarei”. Respondeu o caboclo.

Desta história o que se sabe é que no dia seguinte conforme havia falado o Caboclo das sete encruzilhadas, em local e hora, combinado voltou a se manifestar. Lá estavam vários curiosos, e outros populares que assistiram a sessão espírita anterior, em como vários dirigentes da federação espírita, inclusive José de Souza, parentes e conhecidos da família, bem como pessoas que souberam dos acontecidos e lá foram para conhecer o novo culto, e ou para se comprovar da veracidade da entidade.

A entidade como já havia prometido, conversou com os presentes, fez várias revelações e fundou a nova religião com o nome de AUMBANDA, poste-

riormente chamada de UMBANDA. E esta nova religião, surgia para amparar a todos, embasada na união e fraternidade de todos, onde todos espíritos poderiam manifestar sua caridade.

Neste mesmo dia, após as orientações do caboclo sobre o novo culto, ainda manifestou o preto velho pai Antônio, onde introduziu os primeiros elementos ritualísticos materializado em uma sessão, até então desconhecido, como cachimbo, banco, charutos etc. Desconhecido, no sentido que de sessão, nesta época as pessoas conheciam o espiritismo, que nada destes elementos eram usados. Neste mesmo dia surge a fundação da primeira casa espírita de umbanda:

## **5.2 Tenda Espírita de Umbanda Nossa Senhora da Piedade**

**Imagem 13** – Tenda Espírita de Umbanda Nossa Senhora da Piedade



Fonte: Blog Visita rápida à Tenda Espírita Nossa Senhora da Piedade (2019).

**Imagem 14** – Zélio Fernandino de Morais



Fonte: Blog Visita rápida à Tenda Espírita Nossa Senhora da Piedade (2019).

Nascia então, neste dia, 16 de novembro de 1908, o primeiro terreiro de umbanda a primeira sessão umbandista, com a presença de caboclos e preto velhos. A partir daí Zélio dirigiu trabalhos e sessões de umbanda que foram ganhando novos dirigentes médiums, por ele escolhido e se estendendo por vários locais do Rio de Janeiro.

Neste primeiro momento a umbanda, nasce revestida de uma roupagem muito enraizada no espiritismo, nas sessões Kardecista e todos os terreiros tinham nome de santo católico, como Tenda de Nossa Senhora da Guia, Tenda de Santa Bárbara, Tenda de São Jorge, Tenda de São Pedro, entre outras. Acredita-se que esta roupagem, católica e espírita era necessária, naquele momento como campo de atuação e aceitação. Entretanto estes passes doutrinários com o tempo foram se codificando e tomando a forma natural da Umbanda, distanciando-se cada vez mais de tais doutrinas, a final a Umbanda era uma religião autônoma e independente.

A umbanda, foi organizada como religião, por uma entidade, que em um primeiro momento elegia dirigentes e os encubia de tal responsabilidade. O movimento umbandista foi se expandindo por vários estados e chegaram a todo país. Na atualidade, a umbanda vibra nas irradiações de sete linhas, sob a égide de três pilares filosóficos, que são Amor, Verdade e Justiça. Por intermédio de seus guias espirituais, que apesar de não serem, são também chamados de orixás, estes orixás de umbanda se agrupam em linhas e falanges.

Na atualidade a umbanda, recebeu influencia muito forte do africanismo, do Candomblé de caboclo, distanciando-se da mesa de umbanda, passando a ser professada, com tambores, vestimentas semelhantes aos batuques africanos e até mesmo introduzindo a imolação, para as chamadas umbanda cruzadas.

Imagem 15 – Congá do Centro Africano Pai Oxalá e Reino de Oxossi



Fonte: Acervo de Marques e Chansis (2019).

### 5.3 As sete linhas de umbanda

A Umbanda está dividida, para entendimento e codificação em linhas. Cada linha apresenta-se chefiada por um orixá de umbanda ou melhor por um Guia chefe.
<b>Linha de Oxalá:</b>
Uma linha mista, formada por caboclos e preto velhos, e santos católicos, chefiada por oxalá. Na umbanda, o chefe desta poderosa linha não se manifesta. Esta linha tem seu chefe sincretizado a Jesus Cristo.
<b>Linha de Iemanjá.</b>
Também conhecida como linha do povo da água, chefiada por Iemanjá, trabalha sob irradiação do povo do mar, nelas estão caboclos da praia, ondinas sereias etc.
<b>Linha de Xangô</b>
Também chamada de linha da justiça, comandada por xangô, senhor da lei kármica universal, nela trabalham várias entidades, ligados a xangô e por ele chefiado.
<b>Linha de Ogum</b>
Esta linha é conhecida por linha de guerreiros, chefiadas por ogum.
Seus guias e caboclos são espíritos guerreiros, soldados, sentinelas. São desbravadores auxiliam seus filhos a vencerem suas demandas, embatidas e guerras. Guerreiam sempre pela paz.



Linha de Oxóssi
A linhas dos caboclos e caboclas do mato, índios, que trabalham com a cura e medicina fitoterápica, são conhecedores da fauna, da flora.
Guerreiros da caridade. Chefiada por Oxóssi, esta linha engloba vários caboclos do mato.
Linha de Iori
A linha das crianças, dos erês, ibejins, são caboclinhos, do mato, da água e de diversas falanges, trabalham com a doçura, estão ligados aos inocentes.
Uma das mais evoluídas e puras linhas, também chamada de linha de inocente ou linha de Cosme e Damião.
Linha de Iorimá
É a linha das almas. Almas benditas e sabidas, está nelas todos os africanos e preto velhos, espíritos de escravos, negros velhos e antigos sacerdotes dos cultos afro. Símbolo, da humildade e resignação, preto velho é conselheiro, caridoso, bondoso experiente e sábio.

Fonte: Elaborado pelos Autores (2019).

É necessário esclarecer que cada linha com seus chefes, se dividem em legiões e falanges de espíritos, que assim vão se agrupando e se subdividindo. Não entrarei no mérito da questão, uma vez que não é o foco desta obra, tampouco, o livro tem um cunho confessional, e isto seria assunto para uma futura bibliografia.

A umbanda em um primeiro momento a exemplo das religiões de matriz africana, também não tinha livros e doutrinas escritas formalizando, seus ritos e dogmas, entretanto com o passar dos tempos vários autores escreveram sobre as diversas linhagens de umbanda, e hoje na contemporaneidade temos várias obras e com diversas interpretações, sobre a umbanda, seus ritos mistérios e entidades.

Como base de compreensão é importante destacar, que por mais variadas versões que a umbanda possa na atualidade assumir é unânime o fato, onde todos aceitam e respeitam, que seu fundador espiritual foi o “Caboclo das Sete Encruzilhadas” e que seu fundador material foi o médium Zélio Fernandino De Moraes. Assim também, que seu berço de nascimento foi o Estado do Rio de Janeiro, em Neves, cidade próxima de Niterói.



Amor, Verdade e Justiça, são espécie de pilares filosóficos da umbanda, que norteiam todo umbandista. Por intermédio deles os indivíduos são conduzidos para o caminho do bem, orientados amar o próximo, ser justos e viverem em verdade.

As religiões Umbanda, não é uma religião proselitista, pois, acredita que o chamado vem do Divino, não do Homem, portanto não cabe ao homem buscar adeptos e sim o Divino. A umbanda como tantas outras religiões possuem sacramentos, como batizados, matrimônio e atos fúnebres. Estes sacramentos quando realizados não podem ser cobrados, devem ser feitos sempre de forma gratuita com com o coração cheio de amor, verdade e justiça

Abomina a umbanda toda a forma de preconceito, e tem como base a evolução espiritual. Acredita em vida após a morte, evolução dos espíritos e reencarnação. A religião monoteísta, acredita em um Deus superior, chamado Olorum. Acredita ainda no poder da mediunidade e suas várias formas de manifestação. Defende o transe espiritual, a comunicação dos espíritos ou entidades por intermédio de mediunidade. Não tem um livro sagrado, ditando dogmas, os dogmas espirituais, são convicções emana do universo por intermédios de boas energias, que materializadas são chamadas de espírito.

O fato de não ter livros sagrados, não proíbe que seus adeptos leiam, e estudem livros de diversas crenças, pois, parte da filosofia que todo o sagrado deve ser respeitado. Partindo dessa premissa, a Umbanda não, discrimina nenhuma religião, e apesar de discriminada, procura viver em paz e harmonia com todas elas.

O céu da umbanda é chamado de Aruanda, morada dos Orixás. Entretanto, esta Aruanda é uma concepção espiritual e não um espaço geográfico, da maneira que o cristianismo prega.

O Sacerdote da Umbanda, não é pai de santo, como erroneamente por analogia as religiões de matrizes africana, os populares o chamam.

Na verdade, o grau sacerdotal da umbanda é cacicado e seu chefe de Umbanda é o Cacique. Este recebe tal título, após ter passado os sete anos de iniciação na Umbanda. Na maioria das vezes suas oferendas são feitas com frutas,

grãos e doces, e apenas as umbandas cruzadas fazem sacralização de animais em seus ritos.

As sessões de Umbanda ainda utilizam, preces e orações em suas aberturas de trabalhos, sendo que na atualidade essas preces são orações específicas da umbanda já caindo em desuso, as orações antigas, que eram na verdade, preces da religião católica. Raro, é na atualidade, um terreiro dedicar-se somente a Umbanda, a maioria das casas no Brasil cultuam apesar de em dias separados os Orixás do batuque e ou candomblé e os guias espirituais da umbanda, ou sejam dedicam-se aos cultos de matriz africana e também a religião brasileira.

## **6 A PARTICIPAÇÃO DA MULHER NAS RELIGIÕES DE MATRIZ AFRICANA. AXÉ EM NÚMEROS**

Comparando, o grau sacerdotal das diversas religiões, em que o cargo máximo espiritual é consagrado aos homens, vale destacar que nas religiões de matriz africana a mulher ganhou e conquistou seu espaço.

O número de mulheres nos cultos afro, é bem expressivo, chegando a superar o número de homens. É grande e expressivo o número de sacerdotisa nos cultos afro, yalorixás (Mãe de santo) e ou Caciques de Umbanda (chefe de terreiros).

Desempenham com dignidade e respeito, o papel de líderes espirituais, e é importante saltarmos os olhos, para o não preconceito em relação a estes cargos. Principalmente no Estado do Rio Grande do sul, homens e mulheres convivem muito bem com o cargo de Mãe de santo nas casas afro brasileiras. E a yalorixá exerce sua função de mandante e liderança sem nenhuns problemas. Homens e mulheres prestam reverencia a chefe do terreiro sem questionar a sexualidade ou o gênero da mesma.

O poder é definido pelo orixá e não pelos Homens, fato este que muitas vezes sem nos darmos conta contribui a nível socia, para erradicar o preconceito e ou a supremacia do gênero masculinos. Todos são iguais e culturalmente na atualidade afro gaúcha, ninguém questiona o chefe do terreiro, se homem ou mulher, isto não importa, quando buscam uma casa, o questionamento é o axé, o fundamento da casa, não quem o passa. Ser Homem ou mulher é apenas um detalhe.

A herança do destaque da mulher, como sacerdotisa nas religiões afro brasileira, poderá estar, explicado, até no tempo da escravatura, eis que na maioria das vezes, ela era alforriada primeiro do que os homens, tendo então a liberdade, e ou possibilidade de se reunir e institucional sua fé, criar suas casas de religião, onde naturalmente ela seria a chefe, e ou a líder espiritual. Sem entrar no mérito da questão, o certo, que a mulher nos cultos afro brasileira encontrou seu espaço e embrenhada em lideranças espirituais, a levaram a lideranças comunitárias e naturalmente instigaram a permear pelos caminhos da política. Muitas das mulheres, yalorixás, mães de santos começaram o caminho político dentro dos cultos

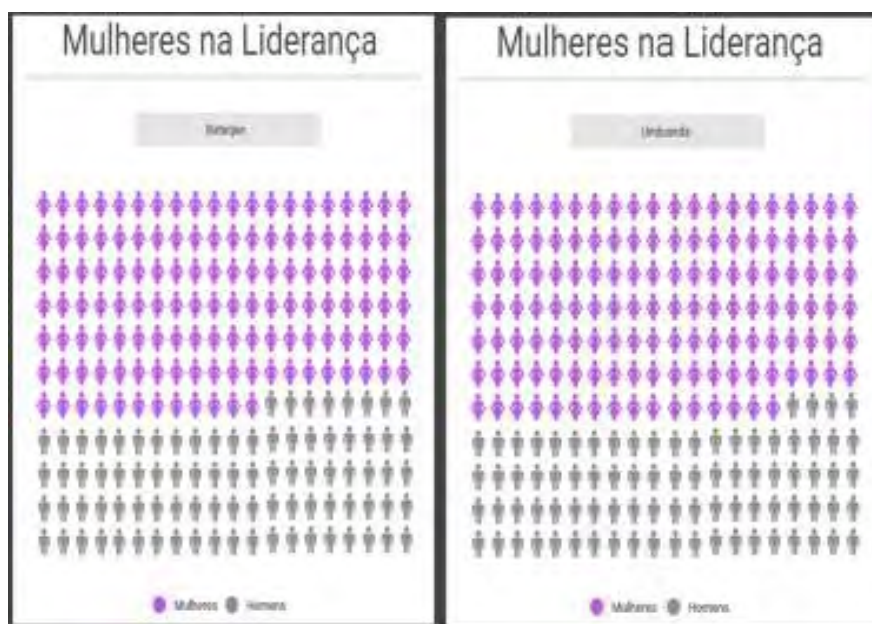
afro-brasileiros, militando, contra a intolerância religiosa, a perseguição a seus terreiros, etc. Com a valorização do espiritual, nos cultos afro gaúcho por exemplo, o batuque tem com naturalidade, não se preocupar com a questão de gênero de seus líderes espirituais. Isto porque a questão é a força espiritual, não física e ou as questões da sexualidade no poder.

É oportuno o momento para elucidarmos que uma das mais importantes e famosas mães de santo Brasil, foi uma mulher, Mãe Menininha do Gantoá (Menininha do canto á).

Também, o momento oportuno é de destacar o crescimento de mulheres tamboreiras nas Nações do Rio Grande do Sul, cargo estes que a muito tempo foi tido como uma designação masculina. O que é relevante destacar, é o fato do Tambor, ser considerado a “alma do Batuque”, dada sua importante necessidade enquanto elemento litúrgico e imprescindível força de canalização. Ora, tamanha importância e responsabilidade, deverá estar ao comando de pessoas responsáveis, capacitadas e confiáveis e esta é a maior exigência, requisitos estes que de forma alguma obsta a possibilidade de uma mulher assumir tal cargo e importante designação, o que a coloca lado a lado com os alabes masculinos sem nenhuma distinção. Mais um a vez, evidencia aqui, o que se busca no batuque, que é a espiritualidade, fundamento e axé, não dando tanta importância para o gênero e ou a sexualidade. No trabalho de Aline Silveira, Anna Carolina Chiess, Bruna Andrade, Débora Sander, Jennifer Dutra e Iami Gerbase, com a orientação de Luciana Mielniczuk e Marília Gehrke, do curso de Webjornalismo da FABICO/UFRGS em 2016, apontou alguns dados bem importantes demonstrar o papel da mulher nas religiões de matriz africana no RS, demonstrado nos quadros abaixo, que identifica num primeiro quadro os números gerais de terreiros de Batuque e Umbanda e a participação das mulheres, apontando nos gráficos da pesquisa do curso de Webjornalismo da FABICO/UFRGS em 2016, nota-se a grande participação das mulheres nos cultos Afro.

Dos 746 terreiros de Batuque da grande Porto Alegre, 447 são liderados por mulheres.

Figura 12 – Mulheres lideres da Religião Afro



Fonte: Mapeamento de terreiros (MDS, SEPIR e UNESCO) e dos 750 terreiros de Umbanda da grande Porto Alegre, 487 são liderados por mulheres (2019).

Também, a pesquisa mapeou o Axé com o marco do ano de 2010, nas regiões do Pará, Pernambuco, Minas Gerais e Rio grande do Sul. Um dado importante, além da expressiva presença das mulheres, é o número significativos de brancos nos terreiros. A pesquisa, aponta um número de **58,4 %** de brancos no Rio Grande do Sul. Veja o quadro abaixo.

Figura 13 – Mapeamento de terreiros



Fonte: MDS, SEPIR e UNESCO (2019).



## **6.1 Mulheres do Axé do Centro Africano Pai de Oxala e Reino de Oxossi**

Imagem 16 – Loiva da Oya, numa palestra em São Gabriel, sobre Cultura e povo de terreiro



Fonte: cedida por Chansis 2018

Imagem 17 – Mãe Helena de Oxalá e a terceira mãe Catiucia d Ogum



Fonte: Acervo de Marques e Chansis 2018



Imagem 18 – Irmãs Nadine do Bará e Nathalia de Yemanjá



Fonte: Acervo de Marques e Chansis (2017)

Imagem 19 – Carminha da Yemanjá (*In Memoriam*)



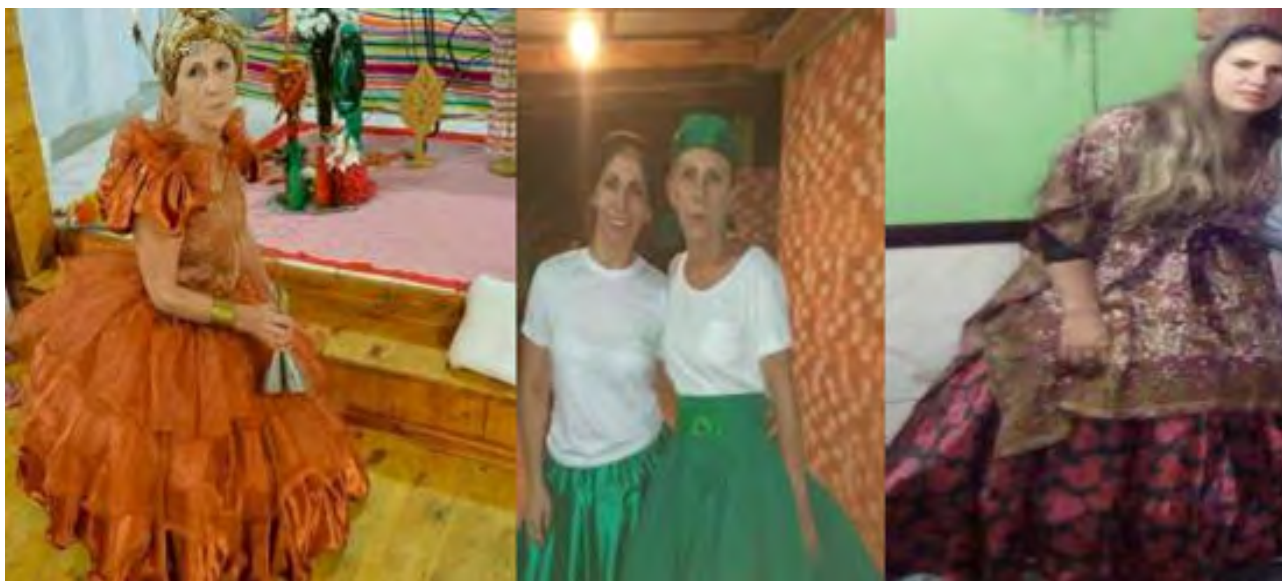
Fonte: Acervo de Marques e Chansis (2018)

Imagem 20 – Yalorixá Katy do Bará, segunda chefe de terreira do Centro Africano Oxalá, Reino de Oxossi São Gabriel-RS e sua neta



Fontes: Acervo de Mãe Katy do Bará (2019).

Imagem 21 – Filhas e yalorixás do Centro Africano Oxalá e Reino de Oxossi- São Gabriel-RS



Fonte: Acervo de Marques e Chansis (2019).

## **7 A MANIFESTAÇÃO DO SANTO/ORIXÁ**

Assim como os demais rituais, das religiões de matriz africana, não são uniformes, as interpretações sobre sua liturgia e dogmas, também seguem a este exemplo de disuniformidade.

### **7.1 O transe**

Existe uma trajetória de ritualística e preceitos feito para agradar o orixá. Verdadeiros processos de transformação, enquanto, identidade religiosa. Certamente que em todos estes processos ritualísticos, dogmáticos e religiosos, busca-se constantemente que tenhamos a aprovação dos deuses e ou a confirmação dos mesmos. Sendo assim a manifestação do orixá, o ato do iniciado cair no santo, é a voz do além dizendo que tudo ocorreu bem. Seria então o ápice da ritualística? O apogeu da dogmática? Provavelmente sim, entretanto pode-se saber se tudo está bem por outros caminhos, pelo búzio por exemplo, onde fala os orixás. Por outro lado, confirmar-se-ia a liturgia, pelo resultado apresentado na vida do iniciado, que se materializaria por intermédio de melhorias, paz de espírito, tranquilidade, saúde etc.

Entretanto, ver o Santo na terra, ainda é a maior magia, a maior certeza do intuito e objetivo ser alcançado. Sendo assim o Candomblé, por exemplo, enaltece a chegada do orixá, e é anunciado aos “quatro cantos” do mundo sua manifestação. Em tempos modernos fotos, filmagem, vídeos são feitos, forma de guardar e registrar a manifestação do santo.

Entrar em transe é uma honra para o iniciado, ser tomado por seu santo, ser “cavalo de santo”, é poder fazer a ligação do elo África- Brasil.

Perfeito? Perfeito e não existe mal nenhum nisto, saber, falar, filmar o santo, isto falando do Candomblé. Assim é sua liturgia, feitura e preceito. Já no Batuque afro gaúcho, não é bem assim.

A nações afro batuqueira do Rio Grande do Sul, desde sempre mantém o segredo da manifestação do santo. E sabe-se que muitas vezes o próprio santo pede para que não fale e ou revele sua chegada no mundo terreno.

Este costume advém, de tempos remotos, tempos que a manifestação do santo era muito bruta e orixá tomava seus filhos por um todo. Realmente os filhos não sabiam que seu santo havia chegado e o que haviam feito, enquanto pelo santo estavam montados.

Muito cuidado era tomado em relação a chegada e a ida do orixá, também tinha o aspecto do sagrado ser mantido, e não falar no orixá era uma forma de manter o sagrado no seu lugar. A intenção era não profanar o sagrado, cuidar para que o médium ou cavalo de santo, não ficasse vaidoso ou não usasse o nome do santo ou prestígio do santo para proveito próprio.

Defendo a ideia que a questão não é saber ou não saber da manifestação do santo e sim a questão de não comentar sua manifestação, não tornar corriqueira e preservar o respeito ao sagrado orixá. Coisas que hoje principalmente em ritos de exus de quimbanda já não vemos mais e os rituais de exu estão transformados em grandes eventos sociais, se afastando cada vez mais da religiosidade.

O Batuque, ainda mantém este sagrado, o santo ainda está preservado, e acredita-se que muito disto deve-se à o tabu da manifestação do santo.

Coisas que nossos ancestrais, lá de preteridos tempos agregaram as nações africana, como se sabendo dos vindouros tempos e das séries de transformações que as religiões de matriz africana sofreriam.

Certo ou errado, a verdade que o tabu da manifestação do orixá, tem contribuído muito para que o sagrado se mantenha longe da banalização dos ritos.

O preceito, paira mais, em não falar da manifestação santo, do que não saber da manifestação. Acredito, que se professamos religião, passada por nossos ancestrais, e que mantiveram este dogma, perpetuando este tabu, até os dias atuais, não cabe ao homem, neo- cavalo de santo profanar ou mudar. Paradigmas devemos estudar, mudar, romper, entretanto dogmas devem-se respeitar.

O tabu, da manifestação do orixá nos batuques do estado gaúcho é tão velho quanto a história do surgimento do mesmo neste estado e portando, respeitar é uma saída inteligente, e se levarmos em conta que o próprio orixá mantém este tabu, quem seríamos nós humanos e homens mortais para mudar tal dogmática?

Assim foi, assim será, além do mais não há que se falar em analogia ao Candomblé, uma vez que batuque e candomblé são religiões diferentes, com preceitos e fundamentos, independentes e próprio.

O batuque é conhecido pelo tabu da manifestação do santo e perpassa o tempo, começou com nossos ancestrais e seguiu as gerações, e assim se mantém na atualidade, salvo algumas correntes que influenciado por liturgia do candomblé querem quebrar esta dogmática. Este tabu, também é uma forma de instigar a fé, nas coisas que não vimos, ou nas coisas que não sabemos. Orixá é sagrado, e “coisas de orixá” também é. Manifestar-se ou não é do orixá, não do homem, então deixa isto com os orixás.



## **8 A SACRALIZAÇÃO: DIREITOS CONSTITUCIONAIS DE GARANTIA DA CULTURA E CRENÇAS**

Imagem 22 – Tradição, alimenta, não violenta



Fonte: cedido pelos autores, 2018

O parágrafo VI, da constituição Federal em seu artigo 5º, expressa com clareza o direito e expressão livre da fé. O mesmo também fala, do livre exercício. Quando falamos das religiões africanas, toda a sua matriz, que se ramifica por todo o país, formando um povo, povo de santo, povo de terreiro, com costumes, e ritos próprios, dogmas e liturgias, estamos falando tradição. Tradição, de rezar cantando, tradição de ofertar, tradição de se alimentar e alimentar.

Na tradição do alimento das religiões de matriz africana, paira a maior polêmica, e é uma batalha que parece não ter fim. A sacralização de animais, ou a imolação, nos cultos afro-brasileiros, é constantemente atacado. Mas será só as religiões de matrizes africanas que sacralizam? Certamente que não, e a sacralização, perpassa os tempos e está presente em vários ritos religiosos, como os judeus por exemplo.

É oportuno, dar luz ao fato que todos os animais sacralizados, imolados nas religiões de matriz africana, tem como objetivo final o consumo, a alimentação.

Nenhum animal, que é abatido, está em extinção ou protegido na fauna, são animais que comumente chega à mesa de milhares dos brasileiros e são abatidos diariamente, em frigoríficos e abatedoras. São aves, suínos, ovinos, caprinos bovinos, todos animais da cadeia alimentar do homem.



Toda a carne dos animais sacralizados, é consumida, nos repastos comu-  
nais, em festas e ágapes religiosos. A carne que por ventura não seja utilizada,  
são distribuídas em forma de doação as comunidades carentes, que se diga de  
passagem, muitas vezes ser a única carne que chega à mesa dessas pessoas.

Mas, sem entrar no mérito da questão, é intrigante, as investidas contra a  
imolação de animais nos cultos de matriz africana, por que normalmente as jus-  
tificativas, permeiam pelo direito a vida dos animais. Contra a tortura de animais  
etc. Porém, é de saltar os olhos, quando os mesmos, protagonistas, ditos preocu-  
pados com e contrariados com a imolação de animais nos cultos, não enfatizam  
por exemplo a matança nos frigoríficos.

Até porque não questionam, os milhares de animais batidos nos frigoríficos  
e diga se de passagem, de maneira muito cruel. E os tratados do Brasil para com  
os países Árabes, onde frigoríficos são adaptados para imolação segundo as re-  
ligiões e crenças dos mesmos? É estranhamente, notado, que a vida dos animais  
em se tratando de culto afro brasileiro deva ser preservada, entretanto paralelo a  
isto tudo os abatedouros poderão seguir imolando, sacrificando.

Sem sombra de dúvida, que tudo isto é mais uma forma de intolerância  
religiosa, as religiões negras do Brasil. A tradição alimenta, não violenta, e todo  
o animal usado na imolação, é tratado com respeito, resguardado e sacralizado  
de forma mais indolor possível. Não existe maus tratos, não existe tortura, e esta  
carne é sagrada, tão sagrada, quanto todo e qualquer alimento nas religiões afro  
brasileira. A tradição, tem forma específica de alimentar.

Devemos também, compreender, que a constituição brasileira por si só nos  
garante o direito a sacralização, eis que na melhor das interpretações, não resta  
dúvida que a sacralização é uma forma de expressão das crenças afro brasileira,  
e se temos o livre culto e forma de expressão não há que neste sentido falar de  
proibição e ou inconstitucionalidade.

É salutar também dizer, que todos os animais, sacralizados nas religiões de  
matriz africana, estão permitidos por lei para o consumo humano. Porcos, ove-  
lhas, galinhas, cabritos e boi, são consumidos pela maior parte da população bra-

sileira. E quando falamos de Rio Grande do Sul, então, mais notório é o costume gaúcho de comer carne. Pode-se afirmar que o churrasco é a ágape da culinária e tradição gaúcha. Salvo as exceções dos grupos vegetarianos e ou vegano, é bem pacífico se dizer que o Homem mata culturalmente para comer. O homem é “carnívoro”, se alimenta de carne.

O ágape afro-brasileira, é feito de vegetais, cereais e carne, esta última com tradição específica de abate para alimentação.

É gritante o cunho de intolerância, no que diz respeito a sacralização de animais, a hipocrisia, e falso moralismo está evidente, nesta tentativa descarada de perseguir e subjugar as religiões de matriz africana.

Esta, já permeiam os tempos, é herança gessada, nos indivíduos, que atacam impiedosamente e se valem de falsas intenções, para esconder o real objetivo, discriminar, exterminar, perseguir. Todas religiões estão amparadas igualmente pelo estado laico, e a minoria não pode neste caso, ser aniquilada, subjugada, por maiorias absolutistas, fundamentais e radicais.

É sem sombra de dúvida nenhuma, que não é avida dos animais que está em jogo e sim as religiões de matriz africana. Que diriam todos, das fábricas de cosméticos e perfumarias, em que a matéria prima advém de gorduras e enzimas animais? E a indústria e comércio, de vestuários, calçados etc.? O couro vem de onde? Precisamos saltar os olhos para estes temas, e entender, que a tradição na mata, alimenta. Necessário se faz dar um basta, buscar o entendimento e quebrar paradigmas fundamentalistas e aniquiladores da liberdade de fé e expressão.

Não existe mal nenhum, não comer carne, não querer se alimentar de carne, o mal é entender, que todos devem se abster de tal costume ou tradição, por que este ou aquele grupo resolveu não comer. Todos são livres, e o respeito deve ser a maior religião.

Destarte, é necessário que entendamos, que sete bilhões de indivíduos, representando a humanidade no Planeta, apresentam características iguais, enquanto espécie, e todas as diferenças presente enquanto espécie, são aceitas e igualitária na condição de individuo homo sapiens. Por outro lado, enquanto ser, somos

todos diferentes, eis, que a diferença é inerente dos seres humanos e isto, faz com que o Homem enquanto ser, pense diferente, torne-o único, tenha entendimento e interpretações diferente. É embasado nisto, que a realidade, de cada ser e ou individuo o torna único, podendo agrupar-se a seus pares de diferentes grupos, étnico, social, cultural e religioso e isto precisa ser respeitado. Quanto a lei, cabe a mesma, buscar dispositivos, que dê a esta desigualdade, o tratamento justo para que todos nas diferenças sejam tratados com equidade.

O país é laico e cabe a ele abraçar, toda fé, toda a religião com igualdade, e criar leis que faça com que o direito café e sua expressão seja respeitada. Portanto, não podem julgar, subjugar os cultos de matriz africana e muito menos perseguir com leis, disfarçada de outros objetivos, que na verdade é flagrante o fato da perseguição religiosa as religiões de matrizes africana.

O debate constante sobre a sacralização de animais denota o grau de intolerância em nome da defesa de que são atrasos e barbarismo, mesmo que haja a garantia em projeto, que é a Lei 282/2003, que visou estabelecer a liberação da prática do sacrifício nos cultos africanistas, foi votado e aprovado pela Assembléia Legislativa em junho de 2004. Posterior, a Lei 12.131/2004 autorizou as práticas de imolação de animais em rituais religiosos mediante as diretrizes fixadas pelo Decreto 43.252/2004. Para mais referências sobre os trâmites legislativos. Percebemos que há historicamente e na atualidade mais acentuado a repressão e intolerância religiosa imposta sobre religiões afro-brasileiras. Segundo nosso olhar há um trabalho disseminado no senso comum de imposição de estigmas e de uma agenda intencionalmente marcada pelos evangélicos que é demonizar os cultos afro-brasileiros. Importante, salientar que para que haja um processo de desmistificação dessa demonização dos cultos afro-brasileiros, precisamos cada vez mais levar as informações sob o ponto de vista do povo de terreiro, à luz do viés do conhecimento. Outra questão é o envolvimento do povo de terreiro, as mobilizações coletivas que devem ser constantes (e no caso da polêmica da sacralização nos anos de 2017, 2018 que visava a possível alteração do marco legal no RS) ocorreu e que garantiu os preceitos legais para que os rituais e fundamentos da religião continuasse.

## **8.1 Da Perseguição da Lei, a intolerância: “Cá para nós”, vamos combater a intolerância religiosa?**

Imagem 23 – Não a intolerância



Fonte:Goglee 2019

Em tempos de outrora, as religiões negras no Brasil foram fortemente combatidas, pela polícia, terreiros destruídos, pais e mães de santos presos e até mesmo agredidos.

Também, necessário se faz lembrarmos de tempos preterido, que as religiões de matrizes africana eram acusadas e perseguidas por praticarem, curandeirismo, magia, feitiçarias, e com isto, o povo de matriz africana, os feiticeiros, eram considerados criminosos, ilícitos etc. Como podemos ver a tipicidade dos crimes em que poderiam incorrer, os povos de terreiros, por mais que não cometessem curandeirismo, ou medicina ilegal, iriam os mesmos, serem enquadrados por serem feiticeiros, praticarem espiritismo entre outros.

Imagem 24 – Babalorixá “Moises de Oxalá”, palestrando na semana da consciência Negra em Rosario do Sul-RS



Fonte: Acervo de Marques (2019).

Nesta época é forte e atuante a perseguição por autoridades, e praticar e cultivar orixá, precisava sim ser oculto, escondido, como se realmente crimino-



fosse o povo de matriz africana. Estamos falando de uma época, em que as relações quaisquer com os cultos africanos eram intensamente combatidos e criminalizados. O que percebemos é que por trás da intolerância religiosa, há sim camuflado racismo, impregnado e disfarçado.

Florestan, afirma:

Surgiu, então, a noção de “preconceito de cor” como uma categoria inclusiva de pensamento. Ela foi construída para designar, estrutural, emocional e cognitivamente, todos os aspectos envolvidos pelo padrão assimétrico e tradicionalista de relação racial. Por isso, quando o negro e mulato falam de “preconceito de cor”, eles não distinguem o “preconceito” propriamente dito da “discriminação”. Ambos estão fundidos numa mesma representação conceitual. Esse procedimento induziu alguns especialistas, tanto brasileiros, quanto estrangeiros, a lamentáveis confusões interpretativas (1965, p. 27).

Aqui nos referimos ao retrato da realidade dos cultos de matriz africana desde o século XIX, XX, em que normalmente estes cultos eram associados a imolação do mau a sociedade.

Muitas religiões, já foram vítimas de perseguição e intolerância, entretanto, ganha de luz, no que diz respeito a ser perseguida as religiões de matriz africana. Seja por intolerância religiosa, ou seja, por estigma da escravatura.

Esta mistura de inaceitação, das religiões por fundos dogmáticos ou por cunho racial, constrói uma necessidade diária de sobrevivência dos grupos, lutando, resistindo.

Do passado, triste e cruel, que vitimizaram indivíduos adeptos dos cultos afros, pelas autoridades, restam até atualidade reflexos ensejadores de novos ataques constantemente. Ainda que já não se pode falar, de códigos criminais tipificando o povo de terreiro, nem autoridades policiais, perseguindo em nome da lei, é fragrante ainda os incidentes de preconceito e perseguição do povo afro religiosos. Quiçá, hoje revestido de outras artimanhas, máscaras e ideologias.

Passado estas etapas, de perseguição e ataques por autoridades, hoje o sofrimento fica por conta intolerância religiosa por parte dos grupos neopentecostais, que dedicam boa parte de seu tempo, para protagonizar processos endemoniatórios dos cultos afro brasileiros. Discursos de ódio são protagonizados e em



nome disto uma série de barbares são cometidos contra o povo de religião afro, uma verdadeira “caça às bruxas”.

A afrotheofobia, está presente no dia a dia do povo, este processo de rejeição e preconceito, com todo e qualquer dogma de religião de matriz africana e este fenômeno cresce a cada ano.

Sabe-se que a perseguição religiosa e ou tentativa qualquer de coibir manifestações religiosa é crime, e sendo assim garante o direito de expressão e existência das religiões negras no país, não é difícil de identificar as constantes investidas contra o povo ou grupo afro brasileiro.

Orixás, são transformados em demônios, o sagrado, é constantemente profanado, e tudo muitas vezes passa por despercebidos. Esta observância, paira no sentido, de seus indivíduos ou não conhece a lei. Portanto não conhece seus direitos, ou por humildade, condição social e ou financeira entre outros fatores que os levam a calarem-se, aceitando os mais diversos tipos de intolerância e constrangimento religioso.

Somos sem dúvidas massacrado pela intolerância, entretanto, é bem verdade, que já aprendemos a nos defender, buscar direitos e que apesar de ainda um pequeno número de indivíduo, saltar os olhos para a lei e não aceitar passivamente, frente aos que aceitam somos muitos poucos.

Certo é que em antagonia dos tempos em que cresce a perseguição, cresce também paralelo a tudo isto a busca pela defesa e a resistências. Grupos se aliam, se reúnem, protestam e lutam em nome do direito de serem o que são e de professar sua fé.

Sabe-se que muito tempo levará, para apagarmos estas histórias de intolerância, mas a luta faz parte de todo elemento negro, por consequência, este legado, ficou para os que assumem a negritude, que abriram mão da branquitude, e renasceram nos cultos afro brasileiro, e hoje brancos e negros em nome da mesma fé permeiam por mesmos caminhos de luta e resistência.

Cabe aqui grifar, que as perseguições, não pairam apenas a ataques dogmáticos no sentido de depreciação dos mesmos, perpassa a zona dogmática, adentra

nos espaços dos cultos, casa terreiros etc. Salta-se os olhos para ataques físicos a sacerdotes, e familiares dos mesmos, alcançando os absurdos de até mesmas crianças serem agredidas. Essa perseguição, mais que religiosa, é racismo.

Uma das maiores polêmicas que assolam as religiões negras, refere-se a tentativa de proibirem a imolação, tentativa esta que muitas vezes vem mascarada por proteção aos animais, onde neopentecostais se alinham a outras correntes, como os grupos veganos, vegetarianos etc.

Muitas batalhas já foram travadas, disfarçadas de outras ideologias e filosofias, grupos perseguem, atacam e desrespeitam o povo de terreiro.

Esta “guerra” religiosa contra o povo de santo, manifesta-se em todos os estados do Brasil. Bem verdade, que as investidas são fortes, outro sim inegável, que a resistência não deixa nada a desejar e defende-se uns aos outros em nome dos ancestrais divinizados, com “unhas e dentes”. Somos 7 bilhões de indivíduos no planeta, e você ainda acha que todos deveríamos acreditar nas mesmas coisas que você acredita? Fala sério...

As religiões de matrizes africana, desenvolve um papel de espiritualidade, não dando muita importância para os aspectos materiais do homem. Acredita-se que a evolução espiritual, leia-se a paz espiritual, emocional, te conectará com teu “eu interior”, fazendo-o conhecer-se melhor e isto te colocará em uma zona de melhor entendimento das coisas, estágio de felicidade e consequentemente, estando feliz viverá em harmonia para com si mesmo, e com seus pares. Este reflexo, perpassará sua individualidade, expandindo em toda a sociedade, homens felizes, fraternos, estariam com mais disposição de luta, ideais, sonhos e realizações, resultando também em sucesso material, equilíbrio psicológico, saúde física e mental.

Orixá? Em grossas palavras, são os elementos da natureza divinizado, a energia de cada elemento, quando divinizado se transforma em espíritos, do fogo (xangô, por exemplo), da água (Oxum e Iemanjá), da terra (xapanã), do Ar (Oxalá).

Para as religiões de matriz africana tudo é energia e toda a energia natural é manifestação de vida.

E o Diabo? O bem e o mau, é características de pessoas, não de religião. Pessoas más estão em todos os lugares, ideologias, crenças etc. As religiões que advém do animismo, não trabalha com um Deus bom e um Deus mau, trabalha com energias e energias são dualidades, positivas e negativas. Água, fogo, ar, terra, todos estes elementos têm aspectos positivo como negativo, a questão é achar o equilíbrio. Céu e inferno, são apenas estados de espírito, espíritos evoluídos e em paz estão no céu, e os que não evoluíram ou não estão na luz estariam no inferno. Céu e inferno, estados de espíritos e não espaço geográfico, alguns espíritos cumpriram a missão, outros precisam de evolução, e seguirão evoluindo, cumprindo algum resgate.

E o Diabo? Bem o Diabo, é um ente cristão, figura presente no cristianismo, e não nas religiões de matrizes africana. Não culpamos diabos de nossos fracassos, erros, ou limitações, somos levados a assumirmos nossas culpas, e evoluirmos, enfrentarmos nossos erros, para no futuro acertarmos, nossos surtos psicóticos.

Com tudo que vimos, deixa claro que, as religiões de matriz africana, difere, das religiões tradicionais da África, que aqui sofreram importante contextualização, reconceituação e foram reconstruídas em vários aspectos axiológicos, litúrgicos e dogmáticos.

O próprio fenômeno, da sincretização, ora influenciado por religiões cristãs, principalmente da igreja católica, bem como crenças pagãs, indígenas etc., foram bases fortes para a transformação.

Não podendo deixar de acrescentar a essas adaptações as questões culturais e sociais como um todo, bem como questões geográfica do país, flora, frutos, ervas e a fauna, animais, o que levariam a uma adaptação bem severa nos contextos de oferendas.

Pode-se dizer em um primeiro momento, que o culto dos orixás no Brasil é um só, cultua-se os mesmos orixás, a base e o conceito de orixá, inkince ou voduns, são os mesmos, o que muda na verdade é a dogmática, os fundamentos e preceitos, noutras palavras a forma de cultuar.

Está claro que as religiões de matriz africana, ou religião afro-brasileira está presente na maioria dos estados do Brasil e que apesar de nomenclatura diferente, trata-se basicamente da mesma religião, com dogmas diferentes.

Apesar de seus adeptos, se colocarem em posição distinta crendo que cada uma religião é uma religião, mas quando estudamos, nota-se que na maioria das vezes apenas muda a dogmática, são só linhagens e entendimentos diferentes o objetivo é o mesmo, divinizar a natureza, que são os orixás.

Poderíamos citar a umbanda como uma religião aparte, apesar da grande influência das matrizes africana, a mesma é uma religião brasileira e cultua na maioria das vezes entidades divinizadas, que algum dia viveram na terra, espíritos de índios, caboclos, pretos velhos, etc.

Diferente da religião afro, que diviniza a natureza, os espíritos das águas, do fogo, do ar, da terra. Transparente também, é o fato das religiões de matriz africana, não trabalharem com aspectos de Deus e Diabo, não cultuando entes bons ou entes maus, na mesma forma de não acreditar em céu com aspectos geográfico, e ou inferno no mesmo sentido.

Quanto mais adentramos em seus dogmas, filosofia etc., percebemos, o flagrante elo monoteísta, ou seja, religiões de matriz africana prega a existência de um Deus supremo, e que dele provém todos os orixás, inkinces e vodus.

Bem certo, é saltarmos o olhar para as questões sociais, implícitas na comunidade africanista, eis, que os aspectos da religiosidade, levam o indivíduo a valorar os idosos, as crianças, etc. Idosos tem a importância da história, uma vez que as memórias são basilares, são pilares de sustentação. A oralidade, é sinônimo de efetivação dos ritos, e coube a cabe aos mais velhos contar esta história, já as crianças é a certeza da continuidade, e serão verdadeiros griôs da cultura afro religiosa. O respeito pela vida, pela natureza é essencial, uma vez que orixá está ligado a natureza, por não dizer bem mais que isto, orixá é a natureza, agora divinizada.

Não existe intuito de imolar o mau a sociedade, isto quebra o paradigma e a perseguição ou pelo menos deveria quebrar, mas esta obra, vem ao encontro de

desmistificar a figura má da religião afro brasileira e a visão negativa entorno dos sacerdotes dos cultos afro brasileiro.

Vimos que a as religiões de matriz africana, faz parte num contexto geral da cultura afro brasileira, e que a mesma remonta os tempos coloniais, com a chegada do Negro ao Brasil, vindo forçadamente do transatlântico, onde milhares de negros aqui chegaram. Além da religião, a culinária, a música popular, dialetos, folclore etc., são elementos marcante da influência africana no Brasil.

Todos estes elementos, conjuntos de influências africana, formaram no Brasil a cultura afro-brasileira, que mereceu atenção de muitos estudiosos, como advogado Edison Carneiro, o médico legista Nina Rodrigues, o escritor Jorge Amado, o poeta e escritor mineiro Antônio Olinto, o escritor e jornalista João Ubaldo, o antropólogo e museólogo Raul Lody, entre outros, além de estrangeiros como o sociólogo francês Roger Bastide, o fotografo Pierre Verger, a pesquisadora etnóloga estadunidense Ruth Landes, o pintor argentino Carybé.

O apogeu desses interesses pelo estudo da mesma, dá-se principalmente a partir do século XX. Os estados, que mais receberam influências de cultura africana, quicá pela quantidade de escravos recebido, ou pela imigração interna dos mesmos foi Bahia, Maranhão, Alagoas, Pernambuco, Minas Gerais, Espírito Santo, São Paulo, Rio de Janeiro e Rio Grande do Sul.

As Religiões de matriz africana, seguem esta linha de manifestação e ramificação no Brasil, e a exemplo de todas as manifestações da cultura do negro, ela foi perseguida, grifa-se aqui o fato da mesma ter sido o principal alvo de perseguição.

A cultura afro brasileira só passa ter espaço e aceitação na era Getúlio Vargas, onde cessam de uma certa forma a perseguição, neste aspecto ganha espaço também as religiões afro, marcando também pelo fato da elite branca começar a adentrar os ritos africanos no Brasil. Quicá neste momento, a perseguição institucional, começa a ceder, entretanto, o estigma está marcado, o rotulo acentuado e o preconceito pelas religiões persistiriam por muito tempo.

Tanto é que na atualidade, vivencia-se bárbaros casos de perseguição a todo e qualquer dogma ligado as religiões de matriz africana, uma espécie de Afrothe-



ofobia, protagonizadas principalmente por ramificações de religiões evangélicas e neo pentecostais.

Pode-se concluir, que antagonicamente no Brasil, por intermédio de políticas de empoderamento, onde visão a valoração da cultura afro brasileira, e traz a cultura do negro para a sociedade contemporânea, fomentando estudos, cultura e reconhecimento de tal cultura em nosso país, levando sacerdotes afro para dentro das escolas, falando da música, da culinária, da fé e religiosidade do negro, paralelo a isto, presencia-se várias situações de preconceito, tentativas leis que visão antes de mais nada, restringir os cultos afro brasileiro.

É antagônico, um país multifacetado, e plurirracial, e com vários acordos que visam garantir a liberdade de crença, a garantia de direitos a minoria, permitir, que pautas sobre dogmas de religiões africana seja levado a um viés jurídico para ser julgado se procede ou não sua manifestação, e ou efetivação enquanto dogma e expressão de fé.

Sobre isto pode se citar o fato da imolação de animais nas religiões de matriz africana, que seguidamente são atacados e levados a votação para ver se é lícito ou não, enquanto isto frigoríficos seguem sacrificando os mesmos animais, que servem para consumo humano. Frangente ato de perseguição aos cultos afro brasileiro e sobre tudo aos cultos afro gaúcho.

O surgimento, da Umbanda, trouxe de uma certa forma um branqueamento as religiões de matriz africana, apesar de ser tratada aparte, e ser uma religião brasileira, nascida no nosso país, ela contribuiu e muito para acalmar as perseguições, nascida com uma roupagem espírita, trouxe muitos adeptos para os cultos, marcando grande incidência do branco em seus ritos e consequentemente a elite brasileira, o que fez com a aceitação da mesma fosse mais contundente. Pode se dizer que neste aspecto as religiões afro-brasileiras pegam carona do prestígio da Umbanda, podendo então conquistar mais espaço e angariar o respeito merecido.

Na atualidade, pode-se citar o fato de o movimento negro ganhar força no contexto social, e consagrações de leis que visão a exaltação da Consciência

Negra, homenagens a **Zumbi dos Palmares**, contribuem substancialmente para desmistificar e quebrar paradigmas sobre as religiões negras no Brasil.

Pais e mães de santos ganharam espaço, direitos a serem chamados como palestrantes, participarem de oficinas, eventos etc.

Natural é a apresentações de danças típicas africana, danças dos orixás, demonstrações teatrais da cultura afro, religião afro, são representadas por atores bailarinos etc. Dispositivos estes que contribuem para erradicação do preconceito. Entre progresso e regresso, as religiões afro no Brasil protagoniza uma verdadeira saga, lutando pela sua sobrevivência, resistindo, reexistindo, sempre.

Se em contexto social, observa-se a grande participação social, do povo de terreiro (Candomblé, Batuque, Umbanda, Tambor de minas, xangôs do maranhão, etc.), unidos pela fé e instinto de resistência, não vislumbramos esta união no que se diz respeito a política. Com tantos adeptos, do povo de terreiro, ainda existe resistência no sentido de elegerem representantes no cenário político. Ao contrário de outras temáticas, no que se diz respeito a política, observa-se uma falta de unidade, de conscientização de a exemplo de outras religiões, os mesmos terem seus representantes, o que frearia um pouco as constantes ações que visam atacar diretamente as crenças afro-brasileiras.

## **9 A MAGIA, VIDA, RELIGIÃO DE MATRIZ AFRICANA: UM DIÁLOGO PERMANENTE E NECESSÁRIO**

Imagem 25 – Quarto de Santo do Centro Africano Pai Oxalá



Fonte: cedido pelos autores, 2018

Orixá, é vida, energia, elemento da natureza divinizado, é essência divina, aspiração de Olorum, Obatalá, Malu-lissa, Olodumaré, Deus. Nascido da essência de Deus, fez o homem sua imagem e semelhança.

As Religiões de Matriz africana, busca por intermédio de forças divinas, onde a autoridade máxima é também um Ser supremo, espiritualizar, elevar e desenvolver os indivíduos enquanto ser. Contribui, de forma intrínseca e extrínseca, para formação da sociedade brasileira, principalmente no contexto de manter viva a história e tradições do Negro no país.

Quando se fala de religião afro brasileira, não se fala apenas de dogmas e religiosidade, exalta-se a arte, a dança, a música, a culinária, e a cultura de maneira em geral. Destarte, necessário se faz dizer que as religiões de matriz africana, reúne por si só todos os fenômenos da cultura afro brasileira, eis que a mesma mantém viva a tradição do idioma, da cozinha, com suas comidas e salgados e doces, a música, o tambor, as danças e a história.

A memória e as lembranças em cultos marcados pela oralidade, faz com que se mantenham viva a tradição do Griô, antigos costumes de contadores de histórias, que na atualidade com advento da escrita já não o vimos. Entretanto em

religiões que se manterão no tempo revestidas de histórias, lembranças e memórias, naturalmente que esta figura no contexto religioso não poderia ser esquecida e sua importância é mantida viva, em cada reunião de afro batuqueiros.

Apesar de Homens pós-modernos e de tempos também, é notável como se agrupam o povo de terreiro, para ouvir dos mais velhos, as lendas, os itans, as histórias de Orixás e ou de ancestrais.

A ancestralidade é tão importante, que como vimos, uma parte do culto é dedicado a Egun, o ancestral divinizado, marcando as fortes crenças que a vida é só uma passagem para outro plano e que a morte é só um portal.

É deste valor a ancestralidade, que nasce o respeito aos que os antecederam nesta caminhada, que aqui estão apenas de passagem.

Acreditam os afro batuqueiros, que os mortos podem voltar e se comunicar, aconselhar, e cuidar e zelar por sua família tradicional, e isto é herança do culto do egungun da África, onde lá, existiam inclusive cultos que dedicavam-se aos mortos, exclusivamente, culto este, só sentido falar aqui no Brasil na Bahia, especificamente na Ilha de Itaparica, onde dizem que em remotos tempos lá vivia uma família que dedicavam exclusivamente a protagonizar este culto a Egun, e que diga se de passagem foram fortemente perseguidos, por policiais na época.

Apesar de não existir, quase ninguém que se dedique exclusivamente ao culto dos mortos, dividem a função de sacerdotes dos orixás, a responsabilidade de babaoje: sacerdotes dos mortos, onde em seus ibalé, em datas específicas cultuam o ancestral, o egum, reverenciando assim por dizer a morte. É questão de memória, é questão de ancestralizar, e nada tem a ver com mitos de maldades, imolação do mau a sociedade, como muitos mitos virtualizem em comentários de leigos.

O desmonte das questões machistas, principalmente no culto afro gaúcho, é marcante, já que a grande incidência de sacerdotiza, demonstra que no meio do povo batuqueiro, a questão de gênero é o que menos importa, o que faz com que as religiões de matrizes africanas, sejam as que mais apresentam em seus quadros

sacerdotal presença da mulher no comando. Mulher yalorixá, principal cargo hierárquico espiritual nos cultos afro brasileiros e sobre tudo no afro gaúcho.

As religiões de matriz africana são abertas e ecléticas no sentido de receber pessoas dentro dos recintos espirituais, não obrigando ninguém se iniciar para participar de suas ágapes espirituais religiosas. É também proselitista, não tendo em seus dogmas a obrigação, de angariar adeptos, já que na cultura afro-religiosa o chamado vem do divino para o divino, não para o terreiro, templo etc. Esta mesma religião procura se manter em fraternidade e harmonia com com todas as crenças, não julgando nenhuma e respeitando o sagrado de todos.

Mantém até o dia de hoje, o sincretismo, agora mais por tradição do que por necessidade, apesar de conservar suas datas próprias e cultos próprios a suas divindades, tendo bem separado as crenças e os dogmas. Religião de negro, contemporaneamente protagonizado, por indivíduos de todas as raças, brancos, negros, pardos etc., luta incessantemente por lugar merecido no espaço brasileiro.

Inegável é, que o negro no Brasil, muito mais que o estigma da cor e rótulo da raça, marcou sua presença com demonstração de coragem, luta e resistência, e que se as religiões afrobrasileira, perpassam os tempos, devem-se a eles, e aos ancestrais a existência da mesma, portanto, combater o racismo é essencial. Mesmo que sejamos uma população de todas as cores, o racismo é forte e é institucional, está impregnado nos espaços de poder.

O racismo e preconceito consiste no fato de que o racismo, diferentemente do preconceito, não existe apenas a um nível individual, mas também a nível institucional e cultural (JONES, 1972).

A ramificação das religiões de matriz africana, dá diáspora a fé, percorreu desde o oceano atlântico, a chegada no Brasil, resistindo os tempos, as variações do idioma, a cultura, a própria escravidão, chegando na atualidade com traços fortes na maioria dos estados brasileiros, marcados por uma saga de re-existência, e luta que talvez continue por muitos e muitos tempos, entretanto, deixa a certeza da continuidade para aqueles que sabem que amanhã não mais estarão

aqui, mas sua história estará sendo contada, pelos descendentes que aqui estarão, e que encontrarão como legado a coragem.

Em todos os estados brasileiros, pode-se vislumbrar a beleza dos orixás, quiçá com interpretações diferenciadas, mas ainda assim, sua essência preservada, a essência de deuses, divindades africanas, que hoje dançam e se expressam em solo brasileiro.

Ossanha, não estando nas selvas africanas, encontra nossas florestas para trazer seus axés, Yemanjá a Mãe do rio na África, aqui se apossou dos oceanos, e se transformou em rainha dos mares, Oxum já consagrou as águas doces brasileiras e passou habitar em lagos, rios e cachoeiras.

Oxossi, Odé, continua sendo caçador, entretando, reina nas matas e nos campos, e também cuida da agricultura e das lavouras em terras brasileiras. Juntamente com Otin, sua fiel escudeira, contribuem para o alimento do corpo e da alma, onde otim estimula as ilusões, os sonhos e a imaginação.

Omulu, Xapanã, Obaluaiê, senhor da terra, e curandeiro, no Brasil ganhou o nome de médico dos pobres e cura sobretudo, além das lepras e doenças físicas, a doença da alma, as feridas e cicatrizes do preconceito.

Exu africano, virou o senhor das encruzadas, dono de chaves, porteiro e comunicador dos tempos, com uma certa malícia, é observador e ri do homem que o confundem em seus surtos psicóticos com o diabo.

O gum senhor das guerras, em este solo, de várias faces, ganhou o título de pai da tecnologia, além de ser é claro ferreiro, armeiro e desbravador.

Obá, a guerreira africana, na terra de pau-brasil, se converteu em uma amazona, guerreira que permeia entra as matas e as agitadas águas da pororoca, por força da sincretização ganhou como símbolo uma roda, que faz o movimento e até virou em protetora dos motoristas no batuque afro gaúcho.

Oyá a mulher búfalo da África, que dominava os ventos e as tempestades, tinha passagem estreitas com a morte, ganha em terra tupiniquim, uma aliança e



passa ser cultuada além de seus atributos originais, como a senhora das paixões, protetora dos casais e da aliança conjugal.

Xangô, além de seu oxá africano, machado de duas lâminas em face dupla. Em terra de tantas injustiças, ganhou o livro, caneta e a advocacia e seus advogados passaram por ele ser protegido, enquanto o mesmo, passou ser nosso juiz.

Oxalá, ganhou os céus, e o céu brasileiro dizem estar mais próximo da terra, e, portanto, oxalá estaria mais próximo de nós, é Ele o grande orixá Funfun, Senhor do branco, do alá, e das alturas, ligado ao ar e ao oxigênio tão importante a vida de todos os seres vivos na terra.

## **OLORUM, OBATALÁ, MALU-LISSA, OLODUMARÉ, DEUS**

Este onisciente, e onipresente, está em todos lugares, na África, no Brasil, na terra no mar em todos lugares habitados do mundo, está ele também no coração do Homem de boa vontade. Segundo as matrizes africana, criou Ele, o Orum (o Céu), e o Aiê (a Terra), e tudo que nela existe. Da luz, fez os orixás, e os orixás em energia vieram povoar o aiê, a terra, e nela habitar o que não era habitado, assim participaram desta criação todos os orixás, e em cada criação deixaram suas marcas, para que sempre fossem lembrados, e assim são por intermédios de pedras sagradas, okutas, akutas, otas, moldados pela natureza, natureza divinizada, chamada inkince, vodun ou orixá, que pelo homem é louvado.

Se a Bahia foi o nascimento dos orixás no Brasil, e ou berço de entrada, a África é o Berço da humanidade, marcada pela história de o primeiro lugar com evidência de vida da nossa espécie. Será coincidência? Mas foi em solo africano que foi segundo mitologia, fundado o ilé ifé, terra do amor, onde os itans contam que ali, foram criados por nossos orixás na Inspiração de Olorum, ododua, o homem, ali foi soprado o emi (espírito) do primeiro homem. No ile ifé, também, teriam sido preparados os primeiros sacerdotes e iniciados os primeiros cultos, para que quando os orixás voltassem ao orum, pelos homens não fossem esquecidos.

E assim é até os dias de hoje, perpassando o atlântico povo de além-mar, chegou ao Brasil, entrou na Bahia, trouxe suas divindades, histórias e costumes, e por intermédio da diáspora, se ramificou em todos estados brasileiros e chegou até você que está lendo esta obra, até você que até agora quiçá nada sabia, de orixá, negro e ou cultura afro brasileira, muito menos de religiões de matriz africana.

Esperamos que mais além, do credo, da fé, da religião, podemos compartilhar por intermédio do conhecimento, a religiosidade, que ao contrário de religião que é do homem, esta advém do divino: Deus, sob todas as formas e entendimento. Que possamos nos integrar e conviver com todas diferenças, todos os credos e culturas.

## **OLORUM KALOFÉ (DEUS ABENÇOE)**

Imagem 26 – Sob o Alá de Oxalá



Fonte: Goglee- 2019

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANTUNES, H. S. **Professoras Alfabetizadoras e as cartilhas nas Escolas do Campo (rurais):** memórias de vida ao longo da Carreira Docente, 2011.
- BERGSON, H. **Matéria e memória.** Ensaio sobre a relação do corpo com o espírito. 1990.
- BOSI, É. **Memória e sociedade: lembranças de velhos.** 7. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1999. Tradução por Paulo Neres. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- \_\_\_\_\_. **O Tempo vivo da memória:** Ensaio de Psicologia Social. São Paulo (SP): Ateliê Editorial. 2003.
- \_\_\_\_\_. **Memória e sociedade.** Lembranças de velhos. 17. ed. São Paulo (SP): T. A. Queiroz. 2012.
- CHANSIS, L. M.; ANTUNES, H. S. Memórias e lembranças, através da Cultura Ágrafa: um destaque às religiões de Matriz Africana. **Dossiê em Educação:** histórias de vida, memórias e formação docente, v. 6, sup. 4, 2019.
- CORRÊA, N. F. **O Batuque do Rio Grande do Sul:** antropologia de uma religião afro-riograndense. 2. ed. São Luiz: Cultura e Arte, 2006. 295p.
- HALL, S. **Da Diáspora:** Identidade e Mediações Culturais. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.
- HAMPATÉ BÂ, A. A tradição viva. In: KI-ZERBO, J. (Ed.). **História geral da África,**
- JOSSO, M. C. **Experiências de vida e formação.** São Paulo: Cortez, 2004.
- LEOPOLDO, B. **Do batuque e das origens da umbanda:** simbolismo, ritualismo, interpretação. Gráfica Editôra Aurora; 1963.
- MARQUES, M. S. Relatos de suas práticas e experiências de 32 anos como Babalorixá (Moises de Oxalá), em São Gabriel, RS, ano, 2019
- SILVA, Maria Helena Nunes da. **O Príncipe Custódio e a Religião Afro-gaúcha.** Orientadores: Roberto Mauro Cortez Motta e Maria do Carmo Brandão. 1999. 226 p. Dissertação (Mestrado em Antropologia) - Universidade Federal de Pernambuco, Pernambuco, 1999.





# RELIGIÕES DE MATRIZES AFRICANAS: DA DIÁSPORA À FÉ

[www.terried.com](http://www.terried.com)  
[contato@terried.com](mailto:contato@terried.com)  
(55) 99656-1914

